



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

GILDRIELE SANTOS BARBOSA

**A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO DO
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
RAIMUNDO DE OLIVEIRA – FEIRA DE SANTANA – BAHIA**

Cachoeira, BA

Mai. 2021

GILDRIELE SANTOS BARBOSA

**A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DO ACERVO DO
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
RAIMUNDO DE OLIVEIRA – FEIRA DE SANTANA – BAHIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia do Centro de artes, humanidades e letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suzane Tavares de Pinho Pêpe

Cachoeira, BA

Mai. 2021

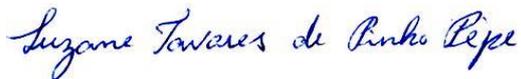
GILDRIELE SANTOS BARBOSA

A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLOGICA DO ACERVO DO MUSEU DE ARTES CONTEMPORÂNEA RAIMUNDO DE OLIVEIRA – FEIRA DE SANTANA – BAHIA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Curso de Graduação em Museologia, Centro de artes, humanidades e letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em 19 de maio de 2021.

Banca examinadora



Suzane Tavares de Pinho Pêpe
Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos - UFBA
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Sabrina Damasceno Silva
Doutora em Ciência da Informação IBICT/UF RJ
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Roseli Amado da Silva Garcia
Doutora em Mídia e Conhecimento – PPGE GC - UFSC
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre presente em minha vida mim mantendo de pé, mim guiando e fortalecendo.

À minha família, por estar sempre apoiando minhas escolhas, permanecendo ali na torcida, aos meus pais Rosângela e Gilberto que são a minha base agradeço por me fazer acreditar e confiar cada vez mais em minha capacidade, esses que apesar das dificuldades enfrentadas tem investido e lutado arduamente pela minha educação e a dos meus irmãos.

Aos meus amigos agradeço por está comigo independente dos momentos, a todos os meus amigos que a UFRB mim presenteou em especial Brendo Willis e George por segurar a minha mão em meus momentos de desespero sem motivo mim trazendo conforto, as amigas Laura, Ana Paula, Janeise e Renata. E as “mães” que a museologia mim deu Angélica, Rosário e Ivone.

Ao amigo Gabriel pela companhia, incentivo e apoio durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho.

Aos professores do colegiado do curso de Museologia por compartilhar dos seus conhecimentos dentro e fora da sala de aula em especial a minha orientadora Suzane Tavares por ceder parte do seu tempo mim auxiliando na construção do presente trabalho.

Aos colegas do curso pela parceria e trocas de conhecimentos, para além da sala de aula.

Agradeço ao seu Edson Machado, que durante o desenvolvimento do estágio estava na direção do MAC, auxiliando nas ações e estando disponível para as dúvidas que surgiam. A toda equipe do MAC presente durante este período, em especial dona Rosa que compartilhava das suas experiências e vivências dentro do museu.

Enfim eu agradeço a todos aqueles que fazem parte da minha história de vida, que indiretamente ou não deixaram e deixam suas marcas.

*Dedico este trabalho à Deus, minha família e principalmente
aos meus pais meus maiores incentivadores.*

“Se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita”

Clarice Lispector

RESUMO

Esta pesquisa sobre Documentação Museológica pretende contribuir para a elaboração de um sistema de documentação no Acervo do Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, situado em Feira de Santana (Bahia). Apresenta um estudo teórico sobre sistema de informação em museus, aplicando conceitos na análise do objeto de estudo, e produz uma Ficha Documental. Uma Documentação Museológica adequada permite o controle quanto à movimentação do acervo, possibilita pesquisa e favorece a comunicação museológica. Neste trabalho, o método empregado é descritivo, a abordagem é qualitativa, e as fontes empregadas são bibliográficas (livros, artigos e internet) e documentais além do levantamento de dados do acervo e conversas informais com os envolvidos com o museu. Como resultado, além do estudo sobre a documentação do acervo, apresenta a Ficha de Inventário, um sistema de numeração simples para o controle, e de fácil acesso, uma Ficha Catalográfica que aplica a algumas obras do acervo estudado.

Palavras-chave: Documentação Museológica, Museu de Arte Contemporânea, Feira de Santana, BA.

ABSTRACT

This research on Museological Documentation intends to contribute to the elaboration of a documentation system in the Collection of the Raimundo de Oliveira Contemporary Art Museum, located in Feira de Santana (Bahia). It presents a theoretical study on information systems in museums, applying concepts in the analysis of the object of study, and produces a Documentary Sheet. Adequate Museological Documentation allows control over the movement of the collection, enables research and favors museological communication. In this work, the method used is descriptive, the approach is qualitative, and the sources used are bibliographic (books, articles and internet) and documentary, in addition to collecting data from the collection and informal conversations with those involved with the museum. As a result, in addition to the study on the documentation of the collection, it presents the Inventory Form, a simple numbering system for control, and with easy access, a Catalog Card that applies to some works in the studied collection.

Keywords: Museological Documentation, Museum of Contemporary Art, Feira de Santana, BA.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1	Ficha de Catalogação encontrada em algumas obras, produzidas por estagiários anteriores.....	30
Figura 2	Inauguração do Museu Regional de Arte de Feira de Santana (MRA), em 1967 prédio que anterior estava funcionando a balança de gados e hoje está o MAC.....	31
Figura 3	Exposição Coletiva temporária no Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira dos artistas feirenses. A esquerda obra produzida pela artista Cida Porto e a direita produções de Jean.....	32
Mapa 1	Cidade de Feira de Santana.....	33
Mapa 2	Localização do município de Feira de Santana no mapa da Bahia.....	34
Figura 4	Fazenda Olhos d'Água, casa que o casal Domingos Barbosa e Ana Brandão moravam.....	34
Figura 5	A feira-livre que era realizada no centro da cidade. A esquerda comerciantes com barracas de produtos diversos, a direita a feira e comercialização de gado.....	35
Figura 6	Sala de Artes do Colégio Ginásio Santanópolis.....	36
Figura 7	Bando Anunciador.....	37
Figura 8	Projeto "O Beco é Nosso".....	38
Figura 9	Espaço Literário com exposições de literatura de cordéis que fica dentro do MAP.....	38
Mapa 3	Localização do Museu de Arte Contemporânea dentro da cidade de Feira de Santana.....	40
Figura 10	Raimundo de Oliveira.....	41
Figura 11	Fachada do Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira.....	42
Figura 12	Espaço Marcus Morais, área externa parte fundo do museu.....	42
Figura 13	Sala expositiva do MAC.....	43

Figura 14	Sala expositiva do MAC.....	44
Figura 15	Sala expositiva - Acervo do MAC.....	44
Figura 16	Auditório do MAC	44
Figura 17	César Romero. Sem Título, sem data, Acrílico s/ tela, 80x80 (à esquerda); Juraci Dórea, História do Sertão CXL, 2002, Carvão e PVA s/ tela 80x80 (à direita).....	48
Figura 18	Sala Expositiva do MAC, exposição com obras do acervo.....	48
Figura 19	Numeração Provisória inserida nas obras do acervo.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Modelo da Ficha de Arrolamento/ Inventário do acervo do MAC.....	53
Quadro 2	Modelo da Ficha de Catalogação para o MAC.....	58
Quadro 3	Ficha de Catalogação aplicada a uma obra do acervo.....	63

LISTA DE SIGLAS

CAHL – Centro de Artes Humanidade e Letras

FUNTITEC – Fundação Municipal de Tecnologia da Informação,
Telecomunicação e Cultura Egberto Tavares Costa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MACT – Museu Antares de Ciência e Tecnologia

MAP – Mercado de Arte Popular

MRA – Museu Regional de Artes

SDM – Sistema de Documentação Museológica

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	13
2.	DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA COMO SISTEMA DA INFORMAÇÃO.....	17
2.1	Documento.....	18
2.2	Documentação Museológica.....	21
3.	FEIRA DE SANTANA – BA: O MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA RAIMUNDO DE OLIVEIRA.....	31
3.1	Feira de Santana: Contexto sociocultural e fundação dos museus.....	32
3.2	Trajetória do MAC – Feira.....	39
3.3	Arte Moderna e Contemporânea.....	45
4.	PROPOSTA DE FICHAS DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA PARA AS OBRAS DO ACERVO DO MAC DE FEIRA DE SANTANA.....	50
4.1	Levantamento e identificação de obras do acervo: O Inventário..	51
4.2	Sistema de numeração adequado ao acervo.....	54
4.3	Ficha de catalogação aplicada ao acervo.....	57
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	70
	APÊNDICE A.....	75

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, cujo objeto de estudo é a Documentação Museológica no acervo do Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira (MAC - Feira), em Feira de Santana, no Estado da Bahia, pretende-se contribuir para o desencadear da elaboração do sistema de documentação do museu, o que poderá favorecer a qualidade no funcionamento da instituição.

Fundado em 1996, o MAC Feira constituiu seu acervo, inicialmente, apenas com pinturas contemporâneas de artistas da cidade e regiões vizinhas, com a finalidade de torná-los visíveis. Ao longo dos anos, o museu passou a salvaguardar, além das pinturas, fotografias, esculturas e arte digital. O seu nome é uma homenagem ao artista plástico feirense Raimundo de Oliveira (1930 – 1966) que pintava pequenos retratos das passagens bíblicas e vida religiosa, tema ao qual se dedicou durante alguns anos, além de ter realizado exposições individuais e participado de coletivas e salões de artes na Bahia e em São Paulo (CRUZ, 2006, 1)

A cidade de Feira de Santana, possui poucos espaços disponíveis para exposições, o que faz com que diversos artistas contemporâneos escolham o MAC - Feira para fazer suas exposições temporárias. Foi esse o museu escolhido pela autora deste trabalho para desenvolver estágio, o qual teve uma duração de 6 (seis) meses, ocorrendo entre junho e dezembro de 2019. Essa experiência permitiu relacionar a teoria com a prática e a partir desta, pode-se observar deficiências e desenvolver ações museológicas (com foco na Documentação Museológica), proporcionando melhorias no desenvolvimento do museu.

Diante das potencialidades do MAC e o fato da instituição não ter seu acervo documentado, começou-se a indagar sobre alguns problemas que levaram à escolha deste tema de pesquisa, como: Qual a história do MAC e seu acervo? Por que este acervo não se encontra documentado e o que isso acarreta? Que contribuição é possível dar nesta pesquisa à instituição (MAC – Feira de Santana).

Em sentido amplo, a arte contemporânea é definida como a arte produzida nas últimas décadas; em sentido restrito é a arte associada a correntes que se identificam com a arte pós-moderna¹. Esta por sua vez é invocada como

¹ Por ser um conceito em construção, define-se a arte pós-moderna como um corpus de manifestações artísticas que, em geral, emprega novos suportes e meios, sendo marco os anos 1960, abrange intermedia, arte de instalação, arte conceitual e multimídia, particularmente envolvendo vídeo etc.

desdobramento ou ruptura da arte moderna, que no Brasil iniciou-se na década de 1922, renovando as linguagens das artes plásticas influenciadas pelas vanguardas europeias, contudo, voltadas para temas brasileiros. Os artistas contemporâneos têm buscado uma linguagem em que o público interaja, com expressões inovadoras e que provoquem questionamentos.

Nesta pesquisa entende-se o museu como um espaço que tem por função proteger, preservar memórias, ao mesmo tempo que garantir a transmissão de conhecimentos, a educação e motivar a comunidade escolar e pesquisadores a se voltar para as artes, a cultura e a ciência. Segundo Desvallés e Mairesse “o termo ‘museu’ tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.64).

A Documentação Museológica é uma ferramenta fundamental e de extrema importância para os museus. Esta consiste em um conjunto de documentos que são registrados em um suporte, o qual possui informações minuciosas sobre os objetos museológicos. Nela apoiada, as instituições museológicas podem proporcionar a identificação das obras e organização das peças por categorias, a quantificação e o controle do acervo, contribuindo assim para a segurança, e é o meio fundamental para o registro das informações sobre os objetos, o que facilitará nas organizações de exposições, pesquisas e conhecimentos da equipe sobre as obras. A documentação é a base para a preservação dos conhecimentos sobre os objetos. Noutras palavras, a Documentação Museológica é suporte inicial para salvaguarda do acervo.

Segundo a museóloga Marilúcia Botallo é possível afirmar que instituições museológicas e seus semelhantes são os locais para a salvaguarda das coleções e exposições de bens no geral de origem e funções diversificadas (BOTALLO 2010, p.49). O MAC é um lugar onde é possível a discussão da arte e relações do passado entrelaçado com o presente, considerando o contexto histórico do município, porque ao trazer a obra de artistas locais contemporâneos é possível criar narrativas que dialogam com o local e o regional. Como os objetos por si só não falam, é necessário que o museu seja o agente mediador entre o objeto e o público (CERÁVOLO, 1998, p. 6).

Deste modo, a ausência de uma Documentação Museológica no MAC de Feira de Santana, realizada por profissional especializado, estagiário ou outras

peças instrumentalizadas, tem dificultado o desenvolvimento das atividades, faltando informações simples, como, autor e forma de aquisição; sem falar nas trajetórias das obras e os dados sobre os artistas. Algumas dessas informações costumam ser solicitadas por visitantes à equipe de funcionários que não as possui, afetando em grande dimensão o não interesse do público à visita.

Serviram de base a este trabalho, o referencial teórico sobre Documentação Museológica, oferecido por autoras como Suely M. Cerávolo, Maria Inês Cândido, Renata Padilha e o exemplo de museus que possuem o seu acervo documentado que foram visitados ao longo da graduação em Museologia no CAHL/ UFRB.

Argumenta-se que a falta de documentação do acervo do MAC – Feira, dificulta as ações que venham a ser realizadas na instituição, fragilizando as dinâmicas desse museu, fazendo com que não se explore as potencialidades de comunicação museológica, sobretudo, nas ações educativas que dependam de informações específicas.

O objetivo geral desta monografia é contribuir para análise do acervo do Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, com base em estudos teóricos, e sugerir método de documentação aplicando-o a uma amostragem por conveniência, considerando critérios, categorias que prevalecem numericamente, a saber: a) Artistas feirense; b) Telas classificadas como pintura. Como objetivos específicos, pretende-se apresentar o modelo da ficha de arrolamento aplicada em todas as obras do museu que foi realizado entre 09 e 13 de setembro de 2019, sugerir modelo de ficha de documentação e realizar a sua aplicação a cinco peças.

Com a quantidade de conhecimentos adquiridos a partir das informações aqui disponibilizadas e a continuidade deste trabalho por parte do Museu, o emprego da Documentação Museológica visa melhorar a difusão do conhecimento, o que poderá futuramente tornar o MAC – Feira uma referência para a comunidade e outros públicos.

Além desta Introdução; apresentam-se, no segundo capítulo, conceitos relevantes para o desenvolvimento do trabalho, a saber: o referencial teórico apontando o funcionamento do sistema documental e a Documentação Museológica. No terceiro capítulo, busca-se situar a movimentação cultural e artística em Feira de Santana, levando-se em consideração a fundação de museus, com foco no Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira. Aí, conceitua-se a arte moderna e contemporânea. Já no quarto capítulo, aprofunda-se no objeto de estudo, que é

pensar a documentação no MAC – Feira, o Arrolamento e aplicação da Ficha de Catalogação elaborada, que poderão servir de referência para documentação no Museu. Por fim, as Considerações Finais do trabalho. No Apêndice, apresenta-se mais algumas aplicações da Ficha à objetos do Museu.

2. DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA COMO SISTEMA DA INFORMAÇÃO

A recuperação das informações do acervo museológico é feita através dos conjuntos de materiais considerados informacionais, colhidos a partir de pesquisas constantes, empregando metodologia adequada a acervo de determinada instituição. Visto, como uma ação ou um exercício necessário e fundamental, a informação² é aprimorada, capaz de atender a um público específico e interessado na temática definida para ser exposto e disponibilizado no espaço.

No sistema da informação documental do museu encontram-se tópicos capazes de passar, ao público, conteúdos sobre a instituição e suas coleções, as quais são transmitidas através de documentos que estão ligados, ou a partir do objeto/documento, com o objetivo de difundir as informações, além das que já encontram-se expostas dentro do espaço do museu. Ao se utilizar recursos como este, o museu evita manuseios constantes de seus documentos e acervos, impedindo com isso perda das informações e/ou qualquer dano irreparável, garantindo assim a sua segurança. Além de assegurar tal extensão das informações, isso faz com que o público possa (se) questionar sobre os conteúdos expostos.

Nos museus, o sistema documental de informação organiza todos os conteúdos contidos no local, a partir de ferramentas capazes de facilitar a produção e divulgação dessa informação. Com isso, a Documentação Museológica é vista como um método, que dispõe as informações documentais específicas da peça e sua localização, facilitando dessa forma as atividades dos colaboradores internos do museu em um determinado sistema (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2000, p.250). Para aplicação desse sistema, fazem-se necessárias noções para a utilização da informática, pois, é através de meios digitais que os dados são divulgados; são páginas em redes sociais, sites do museu e outros meios através dos quais o público tenha acesso. Com isso, há exigência de um vocabulário controlado, encontrado e adquirido através dos *Thesaurus*³, que categoriza o objeto, define sua classe e subclasse e torna possível a recuperação dos dados informacionais.

² “[...] constitui base essencial da relação intersubjetiva no interior do social e media a relação dos humanos com os não-humanos, [...] elemento vital para o desenvolvimento de todo e qualquer empreendimento nesse universo.” (LOUREIRO, 2008, p.28).

³ “Trata-se de um conjunto de conceitos, designados termos ou descritores, ordenados de modo claro e livre de ambiguidades, a partir do estabelecimento de relações entre eles, e que pode ser definido segundo sua função ou estrutura.” (FERREZ, 2016, p. 7)

Ao aderir a um sistema de informatização em museus é indispensável a utilização de um *software* adequado, esquematizado e que possua uma estrutura que se adeque com às exigências do museu.

Diversos museus ainda possuem dificuldades ao lidar com sistema informatizado, devido à falta dos profissionais específicos desenvolvendo as suas atividades. Falhas acontecem também com a Documentação Museológica desses espaços, sendo possível deparar-se com as informações documentais com lacunas quanto ao conteúdo, possuindo informações e/ou registros inconclusivos. Para que seja elevada a visibilidade e o reconhecimento do espaço museológico é preciso que esse meio de comunicação esteja sempre atualizado, ou seja, é necessário que o conteúdo informacional seja revisto com frequência; e a presença de um profissional de museu é de extrema relevância por serem capazes de buscar as informações sobre os objetos de forma detalhada, contextualizando-o e estabelecer relações com o acervo, porém é um setor que nem todo museu disponibiliza.

Quando o museu não possui documentos com informações adequadas e suficientes, torna-se dificultoso o desenvolvimento de um Sistema de Documentação, visto que há necessidade dessas informações para atualizações constantes dos dados, o que permitirá o melhor acesso à equipe do museu, assim como, possibilitar que as informações estejam de concordância com as necessidades do público visitante, sendo assim, decorrentes do auxílio de metadados⁴ que tem por função permitir, buscar e recuperar informações documentais relacionadas ao acervo com informação única.

2.1. Documento

O objeto nuclear de um sistema de informação é o documento, cuja palavra latina *documentum* refere-se ao testemunho escrito que sirva para comprovar algo. A ideia de documento como registro escrito se manteve ao longo da história, contudo, a Escola dos *Annales*⁵ modificou esta perspectiva ao considerar que podem

⁴ Esses “estão diretamente vinculados a estruturas padronizadas de descrição e aos objetivos que se pretende representar com sua aplicação em um sistema de um determinado domínio.” (ALVES, 2010, p.46).

⁵ Movimento de intelectuais que surgiu na França no século XX, formado por historiadores de três gerações sucessivas. Eles opuseram-se à História Positivista e estiveram abertos às Ciências Sociais, empregando fontes além das escritas, o que proporcionaria novas abordagens. (Ver BURKE, 1992, p. 7-10).

documentos não necessariamente escritos ser testemunhos de algo, ampliando o significado de documento para registros fotográficos, áudios e vídeos.

Segundo o historiador Jacques Le Goff (1990, p.536), os materiais da memória podem se apresentar sob a forma de documento escrito, mas também de monumento, ou seja, uma referência ao passado, à memória. Nesse sentido, artefatos, arquitetura, objetos de arte, desenhos entre outros podem adquirir o caráter de documentos, na medida que comuniquem informações.

Desse modo, imagens e objetos, entre outros registros humanos encontrados desde os primórdios, a exemplo de pinturas rupestres e esculturas podem ser compreendidos como documento. Há diversas formas de registros que se tornaram fundamentais na sociedade, sobretudo, a partir do século XX, que são feitos em suportes que produzem imagens e sons.

Assim, toma-se a visão de documento, trazida por Renata Padilha, como “qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação” (PADILHA, 2014, p.13) acerca de diversificados argumentos e ou ações seja tido como documento.

Analisando três áreas distintas e interligadas que têm o documento como objeto, a saber a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, sinaliza-se que o documento tem formas específicas em cada uma delas. Conforme Suely Cerávolo (1998, p.31), essas três modalidades de instituições possuem o mesmo objetivo que se configura em colecionar objetos ou fatos, porém, cada uma com suas particularidades e metodologias.

É preciso reconhecer que as instituições como Arquivos, Bibliotecas e Museus, possuem na sua função e estrutura procedimentos específicos que devem ser levados em conta (PADILHA, 2014, p.13). Segundo Mário Chagas, entre essas áreas do conhecimento – museus, arquivos e bibliotecas – diferem o lugar, a identificação dos bens culturais e dos usuários ou público (CHAGAS, 1994, p.32).

Do ponto de vista de Tanus; Renau; Araújo (2012, p.160):

[...] a Documentação propôs extrapolar a dimensão do suporte em direção a informação contida nos variados documentos localizados em diferentes instituições. Dessa forma, os documentos abrem caminho para a formação da memória da humanidade, independente dos formatos e suportes em que são registrados pelo homem. [...] É por conta também desse novo olhar para o registro humano, que se pode caminhar ao lado do conceito de documento em diferentes áreas como Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

Na arquivologia, o documento é especificado e apresentado de uma única forma, tradicional, ou seja, em sua forma textual, escrita em suporte de papel que possa transmitir informações organizacionais. Atualmente muitos documentos são digitalizados, a fim de seu manuseio ser poupado e de dar acesso as pessoas que não possam estar no arquivo presencialmente.

Para Renata Padilha os documentos de arquivo “são testemunhos incontestáveis da vida das instituições. Por intermédio deles é possível compreender todo o processo que envolve a formação de uma administração pública ou privada” (PADILHA, 2014, p.15-16). A sua informação surge a partir de acontecimentos que exigem registros, a divulgação dessas informações, conforme Renata Castro e Carla Gastaud ocorre “através da disponibilidade de seus fundos ou documento para pesquisas” (CASTRO; GASTAUD, 2017, p.272).

Na biblioteconomia destacam-se as coleções selecionadas e como principal ferramenta o livro, aqueles os quais auxiliam nas pesquisas e conhecimento de diversos conteúdos de acordo com o interesse de todos. Ainda de acordo com Renata Castro e Carla Gastaud (2017, p.272), as bibliotecas possibilitam a comunicação do público com os livros, exercendo o papel de emprestar as obras.

Renata Padilha (2014, p.16) alega que:

Os documentos adquiridos pela biblioteca geralmente são resultado de uma criação artística ou de uma pesquisa, que ensina e instrui o indivíduo e que pode gerar novas publicações artísticas, científicas, filosóficas, técnicas, entre outras. [...] A biblioteca é um órgão colecionador que reúne artificialmente as obras adquiridas para atender à especialidade a que se propõe.

No mundo tecnologizado, bibliotecas *on-line* têm exercido um papel democratizador em relação à leitura, através da editoração de obras *on-line*. Evitando com isso contatos físicos com o documento principal de uma biblioteca.

A concepção de documento na Museologia, afirma-se tanto na documentação sobre os objetos expostos, como neles próprios quanto como documentos de si, por conter informações básicas de sua existência individual. Conforme Chagas (1994, p.34), o objeto museológico é por si “suporte de informações”, todavia, para preservar e resgatar as informações que este objeto detém, segundo Mário Chagas, é necessário questionar: o nome, a matéria prima de que é constituído, a época e onde foi feito, o autor, o tema, a função, em que contexto social, político, econômico e

cultural foi produzido e utilizado tal objeto, além da relação que manteve com determinados atores e conjunturas históricas, entre outras questões (CHAGAS, 1994, p.35).

Como o próprio objeto museológico é documento, as informações que são transmitidas são transcritas, tradicionalmente, em um suporte de papel, as quais são colhidas após interpretações e interrogações que são feitas ao objeto. Assim, para Suely Cerávolo, no museu o objeto se torna documento se houver pesquisa que extraía dele informações que porta (CERÁVOLO, 1998, p.32). Hoje os museus têm digitalizado as fichas documentais de seus acervos, mas mantêm arquivo físico, formado de dossiês. Com o processo de informatização nas instituições, a tendência é cada vez mais aperfeiçoar os arquivos digitais.

Assim, é com base nas informações obtidas que os documentos vêm a ser produzidos, vindo a testemunhar e comunicar tudo aquilo que está dentro e fora de determinadas realidades, tornando-os envolvidos com o objeto a ser estudado provendo a interação entre ambos.

2.2. Documentação Museológica

A Documentação Museológica é um complexo de informações fundamentais para o trabalho dos museus, a partir dela é possível a recuperação e preservação das informações sobre o acervo, o que permite a pesquisa e possibilita transmissão de conhecimentos ao público visitante acerca dos bens culturais. É ainda instrumento de controle fundamental para a segurança do acervo dessas instituições.

Para manter e guiar a preservação documental dos museus, os museólogos/documentalistas têm utilizado métodos que vêm se tornando eficazes quanto a tais procedimentos, assim sendo, nos espaços tem se implantado Sistema de Documentação partindo dos parâmetros nas ações da Documentação Museológica.

Como sistema informacional, o Sistema da Documentação Museológica (SDM) apresenta a função de organizar e guiar, através de um esquema, o conjunto de documentos executados dentro do museu, com informações acerca das coleções da instituição. Segundo Cerávolo (1998, p.36): “[...] o SDM configura uma estrutura conceitual permeada de procedimentos e materializada numa estrutura física, que

através de uma série de registros interligados dá o suporte operativo para que o sistema em si funcione”.

Então, a instituição que manipula o SDM consegue produzir uma documentação bem estruturada. Para Suely Cerávolo e Maria Tálamo (2000, p.244), o termo Sistema de Documentação em Museus (SDMs) envolve diferentes ideias, como: “método, esquema, estruturação de trabalho em etapas, passos a serem seguidos, encadeamento de registros.”

No SDM, constam as etapas de documentação dentro da instituição, formando uma ligação e organizando uma sequência entre todos os registros relacionados ao objeto. Ainda conforme Suely Cerávolo (1998, p.37), o Sistema da Informação tem “[...] finalidade dupla: a organização da documentação e suporte para a gestão administrativa”. Para a elaboração de um Sistema de Documentação com êxito, excelência e eficiência, Renata Padilha apresenta os critérios que são reproduzidos abaixo:

- “Ter conhecimento, clareza e exatidão sobre o acervo;
- Descrever as características informacionais intrínsecas e extrínsecas dos objetos;
- Designar um número de registro ao objeto, para a identificação rápida e precisa;
- Garantir a segurança do acervo por meio da documentação museológica, contra qualquer interferência externa ou interna ao museu;
- Estruturar os documentos e as fichas produzidas pelo museu, visando a uma padronização mínima entre outras instituições, sem abrir mão das singularidades dos diferentes tipos de museus e acervos;
- Criar um sistema que permita a interoperabilidade institucional entre outros museus (pelo menos entre instituições de mesma tipologia);
- Controlar o vocabulário dos registros de informação utilizados na base de dados, de modo que eles sejam acessíveis.” (PADILHA, 2014. p.37).

Para fins de esclarecimento, como características informacionais intrínsecas a um objeto, podem ser citados: peso, dureza, forma, cor, textura. Já os dados extrínsecos são de ordem cultural: função, valores estéticos, histórico, científico, de mercado etc. (CHAGAS, 1994, p. 36).

Em relação ao estudo dos objetos do acervo, o profissional que lida com documentação precisa estar capacitado a pesquisar e responder uma série de questões suscitadas, mencionadas acima. Assim, descrições físicas, funções, significados, histórias, conservação e restauração são norteadoras para a realização da Documentação Museológica, além das especificidades da tipologia dos acervos e dos museus.

O processo documental do objeto, inicia-se a partir do ingresso do referido na coleção, no qual sua existência continua, porém com significação diferente, abandonando com isso seu conceito de origem por torna-se um bem cultural musealizado, conseqüentemente sem possibilidade de ser modificado fisicamente pela ação humana, ficando assim, exposto a todas as atividades do museu e adquirindo valor simbólico, histórico e artístico. A documentação é realizada em etapas dentro da instituição de museu e as informações que são registradas, origina-se o primeiro escrito com o documento que pode constar assinatura e ou comprovações da obtenção do objeto de acordo com os tipos de aquisição:

- **Doação** – Quando um indivíduo ou uma instituição transfere para a outra parte, o receptor, patrimônio de seu pertence, de forma simplificada.
- **Compra** – Quando um lado adquire o patrimônio mediante pagamento a parti de um valor de uma certa quantia determinada, pelo provedor.
- **Legado** – Herança de determinado indivíduo ou instituição que são passadas a frente através de um testamento com assinatura da concedente, família ou representante escolhido para tal.
- **Transferência** – Quando há decisão por parte do museu em passar parte do seu acervo ou por completo para um outro museu receptor.
- **Coleta** – Quando o acervo é retirado da sua naturalidade, sendo capaz de contribuir com os conhecimentos informacionais.
- **Permuta** – É uma espécie de troca de um objeto desejado por outro do mesmo seguimento entre museus que possuem a mesma categoria.
- **Cessão de uso** – O Bem cultural é cedido para um museu com tempo determinado, feitos entre instituições públicas ou privadas, podendo ser onerosa ou não, permanecendo a propriedade com o museu concedente.
- **Produção interna** – Quando o acervo é composto por obras produzidas dentro do próprio museu.

- **Comodato** – Bem cultural é cedido de uma instituição privada para uma pública ou privada sem fins lucrativos, porém com a propriedade ainda sendo da instituição concedente.
- **Fiel depositário** – Quando uma instituição tem que por lei determinada por um juiz receber um bem cultural até que ações as quais estão envolvidos sejam finalizadas (PADILHA, 2014, p.28-30).

Em museus, a documentação deve ser compreendida no seu sentido mais amplo, como ato de documentar, com a função de registrar as coleções de um museu, além de ser umas das principais fontes de pesquisas e conhecimentos para visitantes interessados em conhecer o acervo de uma instituição, produzindo a partir destas novos conhecimentos e novos conceito sobre o acervo (CERÁVOLO, 1998, p.28).

Em todas as situações, a documentação é apresentada como guia para as realizações de atividades, quaisquer que sejam elas, internas e ou externas ao museu. Os documentos são base das ações museológicas realizadas para a recuperação das informações, assim, todas as atividades voltadas ao objeto requer a pesquisa da documentação desse acervo. De acordo com Marilúcia Bottallo (2010, p.52):

As principais atividades da Documentação Museológica estão relacionadas aos procedimentos de registro, organização e manutenção da informação que diz respeito aos objetos, suas características físicas, dados administrativos, história e problemas e, em um segundo momento, o processo de interpretação da mesma.

Sendo assim, a qualquer situação de contrariedade com a obra tem-se conscientemente que o veículo principal a procurar são as documentações, por esse motivo todas as atividades e movimentações realizadas dentro do espaço e com o objeto necessitam da realização de um registro, incluindo tanto as informações principais que os identifiquem, quanto as ações ao qual foram submetidos.

O conceito de documentação se estende para muito além do que é comumente visto, como afirma Maria Cândido que se trata de “[...] um sistema de recuperação de informação capaz de transformar acervos em fontes de pesquisa científica e/ou em agentes de transmissão de conhecimento [...]” (CÂNDIDO, 2006, p.34).

Considerando uma documentação completa com informações consistentes, precisa e clara, é necessária uma pesquisa intensa com informações relevantes sobre

o objeto a ser estudado, pois ela contribui estruturando os dados colhidos para acessos posteriores, que são decorrentes de buscas constantes.

Suely Cerávolo (1998, p.35) reforça que:

Poderíamos dizer, usando de uma analogia, que a pesquisa na sua investigação gera um “estoque de conhecimentos” contidos no objeto, e a documentação de museu por sua vez, organiza e estabelece uma estrutura para que se dê o acesso aquele estoque criando, assim, um meio de movimentá-lo num fluxo informativo.

Para que toda ação documental aconteça, existem profissionais capazes e especializados para realizar as práticas que envolvam os registros documentais. De acordo com Maria Cândido “o profissional de museu é o elo intermediário entre a coletividade e os bens culturais, o agente capaz de explorar as potencialidades e estabelecer as necessidades do acervo” (CÂNDIDO, 2006, p.35). A Documentação Museológica é uma ação de utilidade significativa dentro do museu, todas as informações sejam elas essências ou não sobre o objeto, promove a recuperação das informações sejam elas para partes internas que trabalham com frequência o acervo ou partes externas, do mesmo modo “[...] tem como particularidade reconhecer os acervos museológicos, independentemente de sua natureza, como suportes de informação” (BOTTALLO, 2010, p.51) é essencial que se façam buscas e estudos bibliográficos aprofundados relacionados ao acervo e ao objeto individual, estas são contribuições para o processo documental. Do ponto de vista de Maria Cândido (2006, p.42):

Esta etapa do processamento de documentação museológica tem o objetivo de desenvolver uma ampla pesquisa sobre o acervo, a partir de uma abordagem individual de cada objeto. [...] Trata-se de material de consulta indispensável para os pesquisadores responsáveis pelo preenchimento das planilhas do Projeto de Inventário.

Na mesma linha desse conceito, Suely Cerávolo e Maria de Fátima Tálamo afirmam que o processamento técnico da documentação de um museu é dividido em etapas que podem ser sucessivas ou simultâneas, dependendo do tamanho da instituição e de sua equipe (CERÁVOLO; TÁLAMO, 2000, p.244). A ação documental

é aprimorada de modo específico quanto as funcionalidades dos profissionais do museu, como informações registradas das atividades advindas da conservação/restauro e da pesquisa, porém existem a carência quanto a especialistas nessas áreas, muitos espaços necessitam destes para complementar os dados, evitando falhas no conteúdo. A Documentação Museológica, além de auxiliar os profissionais internos, aumentam a visibilidade da instituição e de suas coleções; a visitação torna-se algo frequente no espaço e a educação patrimonial relevante, pois é a partir da documentação que profissionais que tem por função mediar os visitantes, desenvolvendo ações educativas atrativas e informativas, entre outras atividades como montagem de exposições e a conservação preventiva do acervo.

Todos esses procedimentos exigem que a Documentação Museológica do espaço de museu seja revista e atualizada com frequência, ou que ao mínimo possua informações registradas, tornando-o o acervo como suporte de informações, permitindo interligar todas as práticas educacionais que são desenvolvidas no museu. As informações contidas na documentação são compostas de conteúdos informacionais intrínsecos, encontrados por quem o analisa no próprio objeto, e extrínsecas, apresentadas através da análise do contexto sociocultural e histórico.

Todas as informações que são coletadas e registradas, são originadas de questionamentos que são feitos ao objeto e os pesquisadores/ documentalistas são os responsáveis por essas ações, as quais exigem deste ter a capacidade adequada para investigação. Posto isto, faz-se necessária a presença do profissional especializado para essas atividades documentais. Suely Cerávolo diz que o objeto como documento no museu depende da pesquisa, por ser uma espécie de “recipiente” de informações a serem extraídas, através de métodos de “leitura” do objeto/documento, os quais se construirão como quadros de referências anotadas, registradas e inter-relacionadas. Isso resulta em um volume significativo de informações a serem organizadas para fins de recuperação, pela documentação de museus (CERÁVOLO, 1998. p.32).

Segundo Maria Inês Cândido (2006), é necessário trazer o objeto para “[...] o campo do conhecimento histórico e investi-lo de significados [...]”, o que “[...] pressupõe interrogá-lo e qualificá-lo, decodificando seus atributos físicos, emocionais e simbólicos como fonte de pesquisa[...].” (CÂNDIDO, 2006, p.32). A partir do momento em que o objeto é questionado, ele é preenchido de significados e expressões, tornando-se específico, singular. Suely Cerávolo (1998, p.45) afirma:

[...] para que se chegue a identificações e descrições do objeto, necessariamente depende-se do trabalho interdisciplinar. Assim, em museus o “fazer da documentação” aproxima-se do “fazer da investigação”, o que evidencia o fato que os eixos curatoriais e documentais devem estar atuando em relação contínua. Entre uma e outra, para que a produção da informação seja bem-sucedida, passa-se pelas linguagens de especialidade na dependência do estado em que se encontram.

Dentro do museu a documentação é produzida em torno dos objetos estudados, surgem dúvidas sobre tais e o museu tem como missão planejar métodos a serem aplicados para interrogatório do objeto, esses métodos promovem a ligação do objeto com o homem. Além das informações registradas em suporte papel, nota-se a necessidade dos registros em imagens fotográficas, as quais facilitam o acesso, a localização e identificação através das imagens. Trata-se de uma ferramenta que auxilia nas recuperações das informações do acervo.

No cotidiano de um museu, a existência do documento se dar a partir da aquisição do objeto. Então, a partir da entrada, é produzido um registro, o qual é oficializado como primeira informação documental da peça, para depois ser catalogada. Renata Padilha (2014, p.20) afirma que: “Uma vez selecionado, interpretado, registrado, organizado e armazenado, o objeto museológico torna-se patrimônio cultural.” Para a autora, essas ações dão, de forma intencional “valor documental, patrimonial e informacional” tornando o objeto um documento.

Em acervo museológico é imprescindível a apresentação de documentos que identifiquem seus objetos, afirme sua existência e importância no espaço. Formam a Documentação Museológica, que tem por função, unir as informações acerca da instituição e do acervo, além de apresentar, caso esteja bem estruturada, a recuperação de informações de extrema importância sobre a obra. Segundo José Loureiro (2008, p.28), no contexto das sociedades ocidentais modernas, com instituições e organizações heterogêneas, a documentação é essencial na estruturação e no desenvolvimento de suas ações. Juliana Monteiro conceitua a Documentação Museológica como uma área da Museologia que se utiliza de um conjunto de projetos, ações teóricas e procedimentos técnicos, com o objetivo de identificar, organizar e contextualizar as informações relativas aos objetos museológicos segundo as suas especificidades (MONTEIRO, 2010, p.30).

Logo, é necessário que a instituição de museu tenha a sua Documentação permanentemente em ordem, pois esta é a sustentação de todas as movimentações dentro do espaço, capaz de promover a gestão do acervo, auxiliar em atividades principais, assim como, as realizadas com frequência dentro da instituição na curadoria e na educação patrimonial tanto da instituição quanto do acervo. Do ponto de vista de Angelica Fabbri e Cecília Machado (2006, p.27):

Não há como desenvolver nenhum trabalho nos museus se a documentação do acervo e sua pesquisa não estiverem atualizadas e consolidadas, pois delas emanam as linhas programáticas de exposições, ação educativa, publicações, intercâmbios, dentre outras possíveis frentes de atuação do museu. São elas também que podem assegurar o estabelecimento de uma política de acervo que determinará o que ingressar nos referidos acervos e quais critérios serão seguidos em caso de descarte.

Ocorrendo o descuido na documentação, os museus apresentarão lacunas que afetarão a sua estrutura e seu desempenho, as informações a respeito do objeto serão vistas com insuficiência através do público visitante, o que levará a diminuição de visitas, posto isso, Renata Padilha afirma que a “documentação possui essencialmente o objetivo de organizar e de possibilitar a recuperação da informação contida em seu acervo” (PADILHA, 2014, p.35), portanto, reconhece-se a dimensão dos registros que para Cerávolo (1998, p.31):

[...] facilitam a localização dos objetos, dizem sobre a movimentação das coleções (entrada/saída), provêm a instituição com documentos para auditorias, auxiliam avaliações e seguros de obras, ajudam em vistorias nos locais de armazenamento, e fornecem dados para a montagem de exposições. Subentende-se que a documentação serve somente para a instituição (usuário interno), ressalta-se a questão do controle das coleções.

Logo, dentro do museu, a Documentação Museológica é essencial para organização, administração, controle, segurança do acervo e toda sua movimentação e gestão museológica, sendo que todas essas informações são apresentadas através da catalogação, as fichas de inventário, termos de doação, entre outros.

A partir das informações contidas na Documentação Museológica, o contato com o acervo torna-se mínimo, pois com os dados obtidos é possível produzir

conhecimentos, elaborar questionamentos diversos no público visitantes quanto ao objeto e a relação com o seu meio.

Para a elaboração de uma Documentação Museológica é necessário que os profissionais do museu produzam um Plano Museológico, que consiste em um documento que norteia o fazer da instituição com sua missão, visão e objetivos, atividades a serem realizadas, a conservação dos objetos, regras de como o museu tem que funcionar com todas as práticas de preservação, conservação e produções do conhecimento, sendo assim o Plano auxilia e orienta em toda gestão do museu, por esse motivo têm a necessidade dos profissionais do museu produzir de forma organizada todas as ações.

A Documentação Museológica pode ser apresentada por diversos documentos, sendo encontrados com frequência, nas instituições, registros como a Ficha de Entrada, as Fichas de Inventário, as Fichas Catalográficas e, em alguns museus os quais possuem profissionais da conservação, a Ficha de Conservação, ou seja, todas as áreas técnicas do museu os profissionais são responsáveis por registrar as informações levando em consideração a área de trabalho. Enquanto o objeto estiver transmitindo informações dentro do espaço, o registro da documentação não terá fim, constando clareza, objetividade e o máximo de informações possíveis.

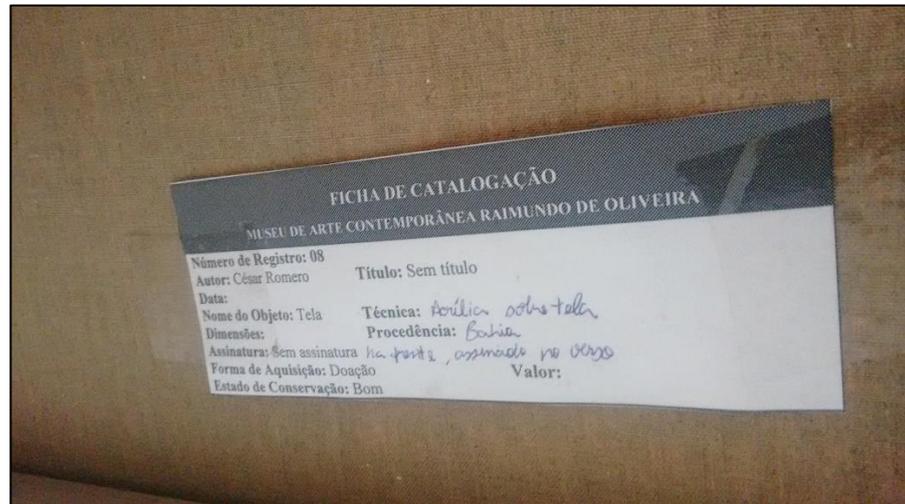
Assim sendo, o museu vem com esse dever de preservar em seus espaços os “testemunhos” de seu acervo independente da natureza do seu suporte, possui um valor de conhecimento, com a possibilidade que todos sejam registrados para que a frente seja disponibilizada a todos os que tenham a curiosidade quanto a temática do museu, por este motivo o conteúdo informacional precisa ser registrado por mais simples que pareça.

Os conteúdos documentais encontrados nesses espaços são integralmente particulares por objetos, mesmo contendo na coleção peças iguais é imprescindível a documentação de cada uma, porém não dispensam as inúmeras informações relevante ou não, encontradas sobre o objeto estudado.

O MAC – Feira, vem apresentando e expondo através de seu acervo, peças com tipologias de cunho artístico, contudo, os registros do seu acervo contêm poucas informações que são registradas com base na identificação do objeto (Figura1), não existindo assim, uma documentação consistente, levando a um não aprofundamento sobre as obras, autores, contextos, enfim, conhecimentos que poderiam ser

compartilhados com o público visitante e que suscitariam interesses sobre arte, história, entre outros.

Figura 1 – Ficha de Catalogação encontrada em algumas obras, produzidas por estagiários anteriores.



FICHA DE CATALOGAÇÃO	
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA RAIMUNDO DE OLIVEIRA	
Número de Registro: 08	Título: Sem título
Autor: César Romero	
Data:	
Nome do Objeto: Tela	Técnica: Acrílico sobre tela
Dimensões:	Procedência: Bahia
Assinatura: Sem assinatura	Valor:
Forma de Aquisição: Doação	
Estado de Conservação: Bom	

Foto: Gildriele Santos, 2019.

Portanto, os museus, além de serem espaços de lazer, são fontes dos conhecimentos culturais e das reflexões, apresentando em seus contextos histórias passadas relacionando-as com a contemporaneidade e os objetos levam a reconhecer que nenhum deles são expostos apenas para apreciações, mas para comunicarem através dos seus diversos significados.

3. FEIRA DE SANTANA – BA: O MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA RAIMUNDO DE OLIVEIRA

No século XX, transformações de ordem econômica no município de Feira de Santana repercutiram sobre a cidade – sede, que teve um crescimento demográfico significativo nas últimas décadas, o que repercutiu sobre a sua dinâmica. Apenas, nos anos 1960, quando alguns museus eram criados na capital baiana (Museu de Arte Moderna, Museu de Arte Popular), intelectuais da cidade de Feira de Santana, já avaliavam a criação de um museu no local. A cidade já disponibilizava de rádio cultural e das praças públicas que eram palco para apresentação e expressões artísticas e culturais dos moradores locais.

Após a criação do primeiro museu na cidade, o Museu Regional de Arte de Feira de Santana (MRA), criado em 26 de março 1967 (Figura 2), surgiu o Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira (MAC) no mesmo local após a transferência do MRA para outro espaço da cidade em 1996. A criação do museu no município leva para seus moradores opção cultural e de lazer, além de interagir com os movimentos que acontecia fora do estado e do país. A arte contemporânea apesar de não ter sido bem aceita por uma parte dos moradores, ela foi compreendida, permitindo com isso a visualização maior da cidade, com diversos conceitos, além do ambiente propício para pastagem.

Figura 2 – Inauguração do Museu Regional de Arte de Feira de Santana (MRA), em 1967 prédio que anterior estava funcionando a balança de gados e hoje está o MAC.



Fonte: Memorial da Feira, 1967

O moderno e o contemporâneo mudaram o cenário local e hoje é possível encontrar diversos movimentos artísticos, jovens integrados na musicalidade, na pintura, nos recitas de poesias em praças, movimentos corporais etc. O MAC por diversas vezes no ano, torna-se palco para esses artistas apresentar suas expressões, lançamentos de livros dos escritores da terra, são eventos que são realizados mediante uma solicitação do espaço e agendamento prévio, para que não haja coincidência com outros eventos a ser realizado, exceto quando há eventos coletivos entres os produtores artísticos. (Figura 3)

Figura 3 – Exposição Coletiva temporária no Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira dos artistas feirenses. A esquerda obra produzida pela artista Cida Porto e a direita produções de Jean Lima.



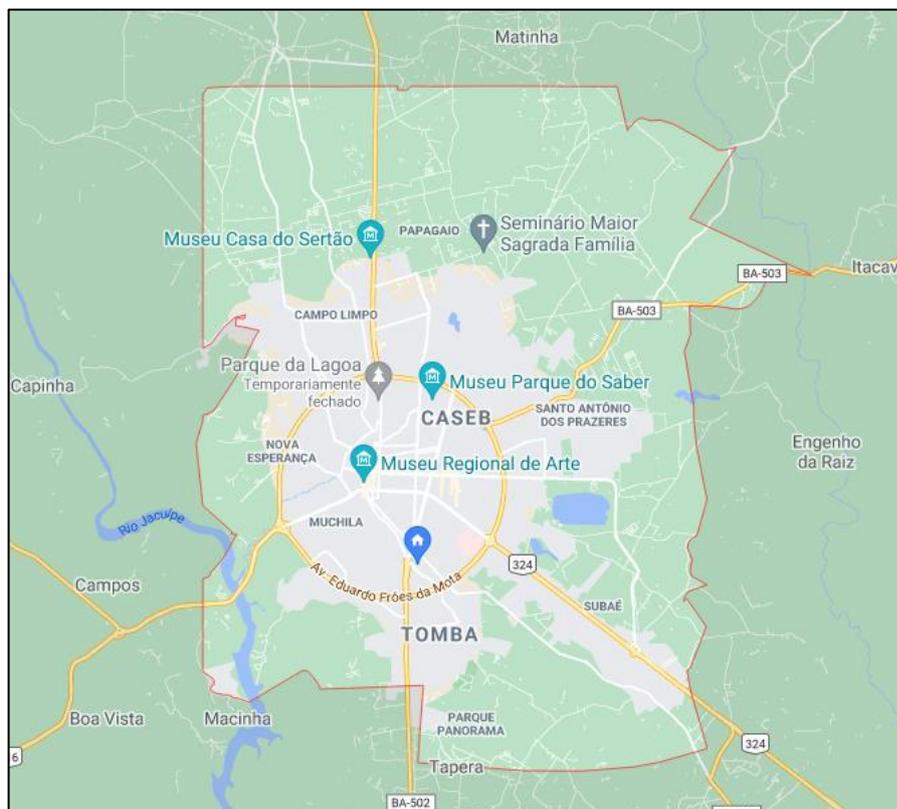
Foto: Gildriele Santos, 2019.

3.1. Feira de Santana contexto sociocultural e fundação dos museus

Feira de Santana é um município localizado no interior do Estado da Bahia, a aproximadamente 100 km em linha reta da capital, Salvador. É o segundo maior município, possui uma população estimada de aproximadamente 619.609 pessoas (IBGE, 2020), a sua localização geográfica é privilegiada e o seu principal domínio é o de comércio e negócios (Mapa 1). O nome da cidade e do município – Feira de Santana – está ligado à formação de feiras-livres e à devoção à Nossa Senhora Sant'Anna.

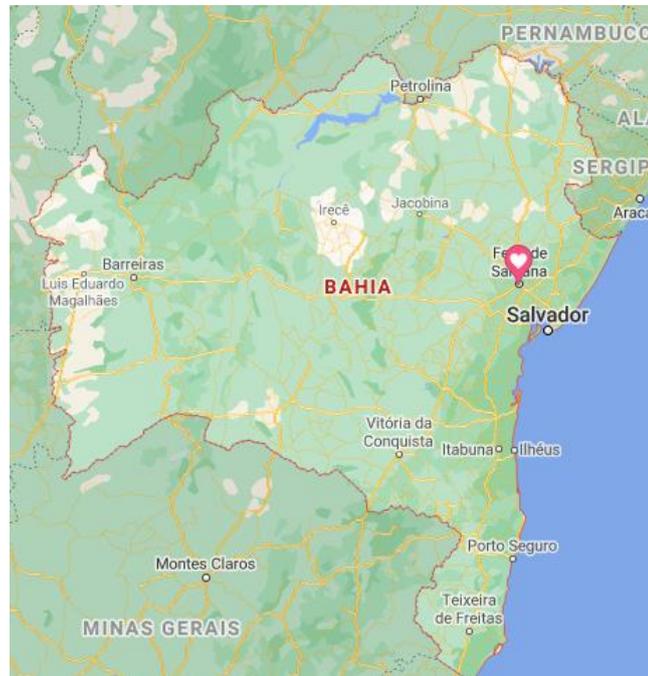
A história do município de Feira de Santana gira em torno da Fazenda, denominada Sant'Ana dos Olhos d'Água (Figura 4), que, no século XVIII, tinha como proprietários Domingo Barbosa de Araújo e sua esposa Ana Brandão. A fazenda possuía uma fonte de água capaz de saciar a sede dos viajantes comerciantes e dos gados, pois, era local de passagem daqueles que saíam de outras regiões a caminho da capital baiana. O casal mandou erguer aí, no século XVIII, uma capela dedicada à Santa Senhora Sant'Anna.

Mapa 1 – A Cidade de Feira de Santana.



Fonte: Google Maps, 2021

Mapa 2 – Localização do município de Feira de Santana no mapa da Bahia



Fonte: Google Maps, 2021

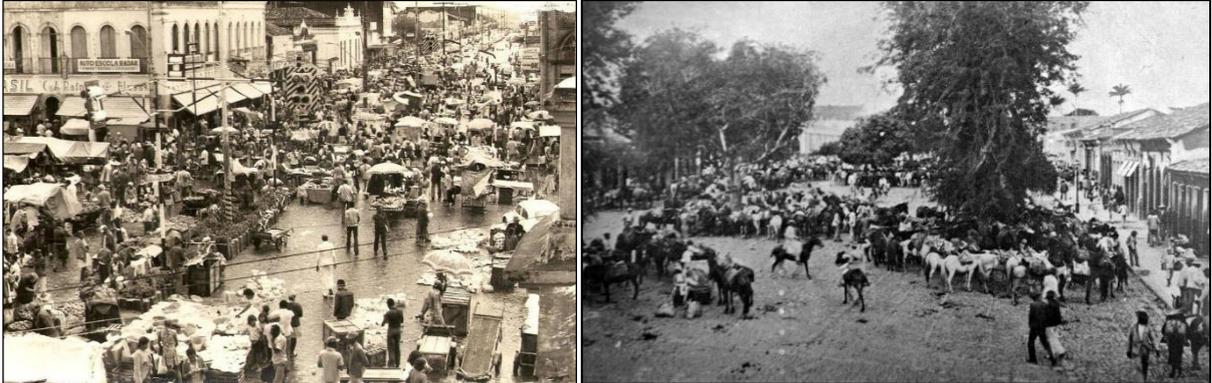
Figura 4 – Fazenda Olhos d'Água, casa que o casal Domingos Barbosa e Ana Brandão moravam.



Fonte: Memorial da Feira.

Ao longo dos séculos subsequentes, o local ficou conhecido pela comercialização de gados, e de uma grande variedade de produtos, vendidos em uma feira, considerada a maior feira-livre do interior do estado da Bahia. Com o crescimento da cidade no século XX, diversas feiras se formaram nos bairros da cidade (Figura 5).

Figura 5 – A feira-livre que era realizada no centro da cidade. A esquerda comerciantes com barracas de produtos diversos, a direita a feira e comercialização de gado.



Fonte: Memorial da Feira, sem data.

No século XX, a cidade recebe diversos estabelecimentos comerciais e escolas, entre estas escolas, destacam-se a Escola Normal fundada em 1927, pelo então prefeito na época Arnold Silva e o Colégio Ginásio Santanópolis, fundado em 1932 pelo educador Áureo de Oliveira Filho, à qual teriam acesso apenas os jovens estudantes de família da classe média da cidade, pois a instituição era privada e naquele período as famílias que poderiam pagar para a educação de seus filhos eram exatamente as que possuíam condições financeiras elevada. (OLIVEIRA, 2014) O Ginásio Santanópolis tornou-se a escola modelo no interior baiano, devido as ações realizadas pela instituição a destacar o esporte e as Artes Plásticas (Figura 6), que tinha sua realização em salas especializadas para tais atividades já por outro lado foi o responsável por formar diversos artistas plásticos, políticos e diversas celebridades com destaque na cidade, alguns hoje visto não apenas no estado baiano, mas em diversos países. (PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA, 2019).

Figura 6 – Sala de Artes do Colégio Ginásio Santanópolis.



Fonte: Memorial da Feira, sem autor e data.

Por outro lado, na cidade, já aconteciam diversos movimentos artísticos, assim como a produção artesanal dos moradores do local era comercializados na feira. Aí também era espaço de músicos e poetas. Em 1950, foi fundada a Rádio Cultura, tornando-se palco para artistas, a exemplo de Alcina Dantas e sua irmã Esterzinha Dantas, o poeta Aloisio Resende, Georgina Erisma compositora, poetisa que possui o seu nome elevado e é lembrada em todos os eventos realizados na cidade, esta foi a autora do “Hino à Feira”, a artesã Crispina dos Santos feirense que produzia miniaturas de anjos e bonecos de barros para enfeites e presépios por volta da década de 70, Ângela de Oliveira dançarina que levou ao município a dança moderna e Contemporânea na década de 70. Entre outros que foram destaque nesse período no município (MEMÓRIAL DA FEIRA, 2021).

Logo após, em 1967, a cidade recebeu o Parque de Exposição João Martins da Silva, local reservado para leilões e vendas de gados, além da comercialização de artesanatos.

Das manifestações culturais que se preservaram pela própria comunidade local de Feira de Sant’Ana, encontra-se o bando anunciador (Figura 7) que é um ato profano que tem por objetivo anunciar a festa de Senhora Sant’Anna, a padroeira da cidade, o bando reúne pessoas fantasiadas de diversos bairros do município e dos distritos ao redor.

Figura 7 – Bando Anunciador



Fonte: FEIRA DE SANTANA, sem autor e data.

Em 1987, foi interrompida, retornando em 2007, com apoio da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Além do Bando, novos movimentos e grupos artísticos e culturais surgiram na cidade a saber o movimento “O beco é nosso” (Figura 8) que se conceitua como movimento de intervenção artística, que surgiu em 2005 acontece em uma rua no centro da cidade conhecida como o “Beco da Energia”, que por muitos anos abrigou diversos bordéis. O movimento “O Beco é nosso” foi idealizado pelo artista cultural e tatuador Marcio Punk (1975-2020) apoiado e organizado por jovens artistas contemporâneos feirenses, que, além das artes produzidas nas paredes desta rua (painéis de arte urbana), organizam eventos musicais e performances corporais. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA, 2020)

Dos movimentos culturais, ainda hoje é possível presenciar em praças públicas recitações de poesias, literatura de cordel e varais de exposição, repentes e contos populares. A atuação dos movimentos ocorre, principalmente, dentro do Mercado de Arte Popular (MAP) localizado no centro da cidade, onde acontecia as feiras livres no passado (Figura 9).

Figura 8 – Projeto "O Beco é Nosso".



Fonte: FEIRENSES, ADMIN., 2015

Figura 9 – Espaço Literário com exposições de literatura de cordéis que fica dentro do MAP.



Fonte: Feira de Santana, Wevilly Monteiro, 2020.

Quanto aos museus encontra-se o Museu Regional de Feira de Santana, implantado em 1967 com acervo composto de obras modernistas de artistas de diversos lugares do Brasil. Essas peças foram doadas por Assis Chateaubriand⁶, e objetos que representavam a população do campo da cidade feirense. (MUSEU REGIONAL DE ARTE, 2021)

⁶ Intelectual e jornalista que na década de 60 apresentava um projeto em levar para alguns municípios o "museu regional" com o objetivo de descentralizar o museu, o jornalista foi o idealizador do MASP (Museu de Arte de São Paulo). Disponível: <http://www.cuca.uefs.br/>. Acesso: 31 mar. 2021

Outro exemplo, é o Museu Antares de Ciência e Tecnologia (MACT), pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), implantado em 2009. Mas já havendo desde a década de 1970, o Observatório Astronômico Antares, e o museu vem como extensão do Observatório. No museu entre objetos do acervo e exposições, encontram-se “Dinossauros e Pterossauros do Brasil”, “Era dos Mamíferos: A aurora da Humanidade”, algumas espécies de insetos taxidermizados e a réplica da Pedra de Bendegó⁷.

O Museu de Zoologia sob a administração da UEFS foi criado recentemente, em 2005, possui um acervo com coleções de grupos de vertebrados e invertebrados, com oito divisões científicas entre estes Anfíbios e Répteis; Aves; Educação, acervo didático e divulgação; Entomologia; Etnozoologia; Invertebrados Aquáticos; Mamíferos e peixes (UEFS, s.d.).

A UEFS também cede a Galeria de Arte Carlo Barbosa, criada em 1998, não possui acervo, mas abre as suas portas para artistas que estão iniciando no universo artístico (UEFS, 200-?), favorecendo a divulgação e comercialização de seus trabalhos.

Administrado pela prefeitura da cidade, encontra-se o Museu Parque do Saber, identificado também como “museu de astronomia”, com salas amplas para exposições temporárias e auditório disponível ao público, onde acontecem apresentações de eventos astronômicos. Também o Centro de Cultura Maestro Miro que disponibiliza aulas de diversos movimentos artísticos corporais da contemporaneidade, artes visuais, além de um auditório disponível para eventos externos. A cidade possui bibliotecas públicas, sendo uma no centro e outra no distrito da cidade, Teatros e o Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira (MAC).

3.2 Trajetória do MAC – Feira

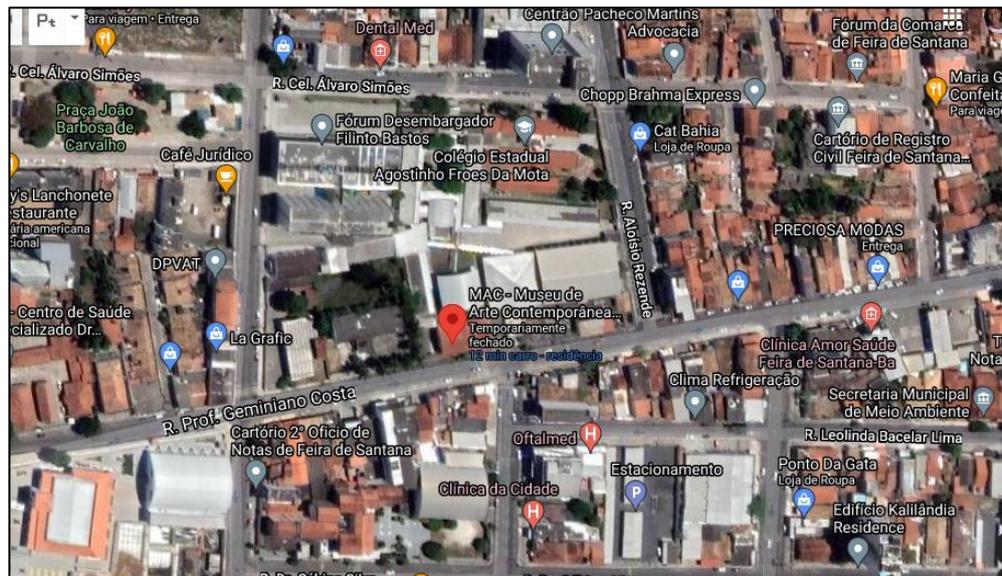
O surgimento do MAC deu-se em 1996, com o funcionamento no prédio o qual durante trinta anos funcionou o Museu Regional de Arte e, anteriormente, a administração da balança de gados. A idealização do museu partiu do artista plástico Juraci Dórea, na ocasião, secretário do departamento de Cultura e Lazer do município.

⁷ Um dos maiores Meteoritos do mundo que foi encontrado na Bahia em 1784. Hoje a Pedra original faz parte do acervo do Museu Nacional (o qual houve um incêndio em 2018) no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/index.html> Acesso: 31 mar 2021.

O local utilizado para instalação do MAC tinha como objetivo valorizar a importância histórica do edifício que durante os movimentos das feiras livres da cidade operava a balança de gados e animais comercializados na feira, além da valorização de artistas feirenses consagrados modernos e contemporâneos que foram manifestando seus interesses com o novo nesta era de mudanças. O prédio está localizado em uma rua de fácil acesso, no centro da cidade (Mapa 2), isso contribui com o aumento no fluxo de visitas pelo público.

Após a sua instalação, a formação do acervo inicialmente foi dada no momento em que Juraci mobilizou artistas dos quais ele convivia e conhecia no mundo artístico, a partir de um comunicado verbal, a fim de que estes fizessem doações de obras produzidas pelos mesmos para integrar o acervo que ali estava sendo formado, os artistas que possuíam telas produzidas, disponibilizaram para a ocupação do espaço. Com isso o local foi ocupado com as produções acarretando sua inauguração em 1996 (MACHADO, 2019).

Mapa 3 – Localização do Museu de Arte Contemporânea dentro da cidade de Feira de Santana



Fonte: Google Maps.

O museu leva o nome de Raimundo de Oliveira, homenagem feita por Juraci Dórea ao artista. Raimundo de Oliveira (1930-1966) (Figura 10), foi um artista plástico feirense, que no Colégio Ginásio Santanópolis, destacava-se nas aulas de artes plásticas aí lecionadas. Filho único, já desenhava desde criança vendo os trabalhos que sua própria mãe produzia, sua primeira exposição artística foi no auditório do

próprio colégio. Por um certo período quando jovem, o mesmo adentrou em um convento dedicando sua vida as cláusulas religiosas, logo após um período decidiu por sair e dedicar-se definitivamente às artes. Para muitos, Raimundo era visto como um ser “depressivo” por sua quietude e sua forma de agir, ele pouco se comunicava oralmente. As expressões que ele passava em suas telas eram de muita melancolia e suas produções apresentavam imagens da religiosidade completamente distorcida (NEIDE, 2006). O mesmo, teve uma morte precoce, sendo homenageado logo após com o nome no museu. Raimundo de Oliveira foi o primeiro artista feirenses a levar o nome do município de Feira de Santana para outros países.

Figura 10 – Raimundo de Oliveira.



Fonte: FEIRESESES, sem data

A proposta inicial e principal de Juraci para o museu era de que o local não ficasse apenas a uma exposição fixa, mas que apresentasse uma itinerância das artes contemporâneas (PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA, s.d.), ou seja, isso contaria com diversos movimentos artísticos entre eles apresentações corporais, pinturas, performances, lançamento de livros, e toda e qualquer manifestação contemporânea. E assim tem acontecido no espaço interno e externo do MAC. (Figura 11 e 12).

Figura 11 – Fachada do Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira.



Foto: Gildriele Santos, 2021

Figura 12 – Espaço Marcus Morais, área externa parte fundo do museu.



Foto: Gildriele Santos, 2021.

Hoje o acervo possui 62 (sessenta e duas) obras divididas entre diversas técnicas e linguagens artísticas: fotografias, pinturas, escultura, artes digitais etc. são eles modernos e contemporâneos, além da disponibilidade de três salas e um

auditório para diversos eventos externos que estejam de acordo com a temática do museu. Concentrando em boa parte deste acervo, obras dos “filhos da terra”, como o próprio Juraci Dórea, Maristela Ribeiro, César Romero, Gil Mário, Chico Liberato, além do argentino Jorge Galeano hoje com o título de cidadão feirense. (Figuras 13 a 16).

O MAC, além de levar a contemporaneidade para o público, apresenta em seu espaço estrutural memórias que foram vividas há décadas por aqueles que formaram e popularizaram a cidade de forma significativa.

No período de realização das atividades, estava como diretor do museu o Sr. Edson Machado que exerceu essa função a aproximadamente 20 anos, e o espaço é administrado pela Fundação Municipal de Tecnologia da Informação, Telecomunicação e Cultura Egberto Tavares Costa (Funtitec). O MAC conta hoje com cinco funcionários que exercem atividades gerais desde a higienização do espaço ao zelo para com o acervo. Ao lado do museu, encontra-se a Biblioteca Municipal Arnold Silva, que, no período passado foi uma das instalações que fez parte do prédio do MAC (MOREIRA, 1997, p.316).

Figura 13 – Sala expositiva - Acervo do MAC

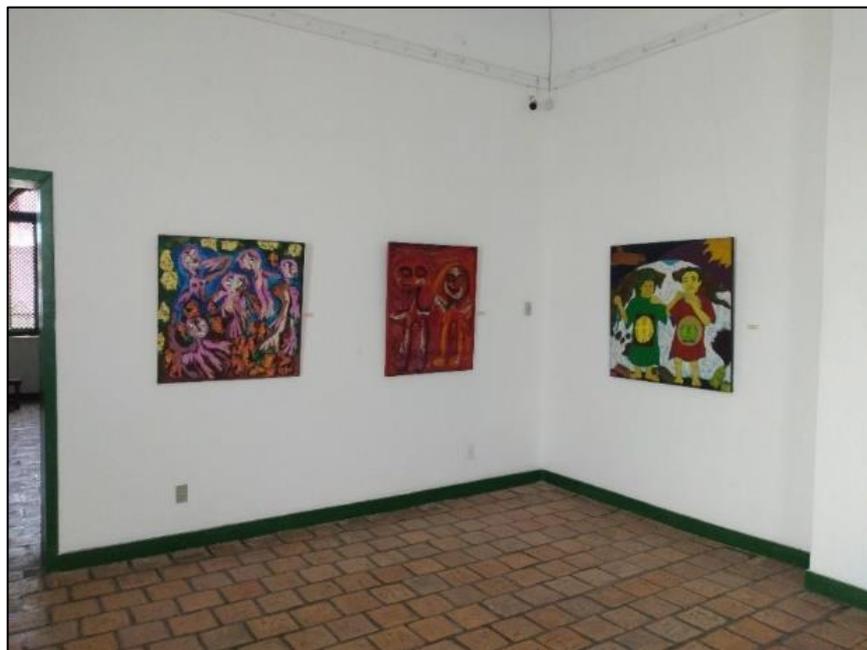


Foto: Gildriele Santos, 2021.

Figura 14 – Sala expositiva do MAC



Foto: Gildriele Santos, 2021.

Figura 15 - Sala expositiva do MAC



Foto: Gildriele Santos, 2021.

Figura 16 - Auditório do MAC



Foto: Gildriele Santos, 2021.

O acesso ao espaço é gratuito e todo e qualquer evento externo que venha a acontecer, é proibido de qualquer comercialização financeira dentro do local. O museu está aberto a todo o público, além das visitas guiadas que são realizadas mediante agendamento prévio. Conta com cinco salas expositivas sendo uma delas o auditório, local específico para palestras, debates e rodas de conversas.

Em geral, os eventos que eram realizados pelo museu ou por responsáveis externos eram registrados por meio de fotografia, segundo conversa informal tida com Sr. Edson em 10 setembro de 2019. Ao final do mês, ele fazia um relatório de todos os eventos, no qual eram inseridas essas fotografias. Esse “Relatório Mensal”, após finalizado, era enviado para a Funtitec, além do Livro de Registro de visitas que fica no museu para que a partir deste os funcionários pudessem ter o controle de todos que adentram o local.

Para os artistas feirenses que estão chegando agora no mercado, o MAC tem servido como apoio para seu crescimento e fortalecimento na arte contemporânea, o contato com os artistas feirenses da contemporaneidade agrega e traz para os novos trocas de conhecimento.

3.3 Arte Moderna e Contemporânea

Denomina-se arte moderna as manifestações dos movimentos artísticos de vanguardas do início do século XX, na Europa, que romperam com os padrões estéticos da arte ocidental, instaurados desde o Renascimento, como a imitação da natureza – chamada de “*mimese*”⁸, termo empregado na antiguidade grega.

Esses movimentos foram chamados de “vanguardas artísticas”⁹, por sua ousadia e seu caráter inovador. A estética dessas vanguardas influenciou os países da América Latina, entre eles, o Brasil.

A arte moderna exigiu do artista o abandono do padrão e das regras impostas pelas academias. Segundo Lisbeth Rebollo Gonçalves, é possível perceber, contudo, uma relação do modernismo com passado, até que os artistas se adaptassem às

⁸ Carlos Lemos afirma que Aristóteles “unia a matéria e a forma para explicar a natureza” sendo assim o ponto inicial para essa definição e afirmativa (LEMOS, 2009, p.85).

⁹ Os movimentos de vanguarda europeus que mais repercutiram sobre a arte brasileira inicialmente foram o Expressionismo, o Cubismo, o Futurismo o Surrealismo.

mudanças. (GONÇALVES, 2007, p.24), essa ainda constatava da fase de adaptação dos artistas.

A repercussão das vanguardas europeias se deu, inicialmente, no meio paulistano ainda na segunda década do século XX. Anita Malfatti foi a artista brasileira, cuja obra primeiro se destacou, causando choque aos que defendiam a arte acadêmica. O movimento articulado por artistas plásticos e escritores, como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, teve como marco a Semana de Arte Moderna, ocorrida no Theatro Municipal de São Paulo em fevereiro de 1922, reunindo manifestações das diversas linguagens: visual, musical, literária etc. Sendo realizada apesar de toda repulsão, contudo, segundo Aracy Amaral (1998) “[...] o desejado pelos modernistas não era apenas destruir, mas, numa segunda etapa, constituir uma nova escola, caracterizada, porém, por abertura posto que desvestida de dogma. (AMARAL, 1998, p. 197).

O modernismo no Brasil versou entre o gosto por uma estética advinda das vanguardas europeias, conforme assinalado, e o olhar voltado para temas que representavam a brasilidade, o ambiente e a realidade social, até que a arte abstrata, outra tendência advinda da Europa, passou a ser a tônica no final dos anos 1940 e nos anos 1950, no eixo Rio-São Paulo (CABRAL, 2017, p. 2482-2483).

Na Bahia, onde a tradição acadêmica era muito forte, e o público muito conservador, houve um despertar para o modernismo mais de duas décadas depois. A Escola de Belas Artes e os artistas que orientavam os alunos não apresentavam interesse pelo novo. Aí, modernismo teve início apenas no ano de 1947, em Salvador, com a atividade dos artistas Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Mário Cravo Junior, atraídos pela estética do surrealismo, do simbolismo e construtivismo respectivamente sendo os primeiros movimentos vanguardistas do século XX dos quais teriam o impacto fortíssimo da tecnologia adotada no período, movimentavam o subconsciente do artista com imaginário fora do real e eram influenciados pela forma abstrata. A eles, somaram-se muitos artistas locais e outros que migraram para essa cidade, que via o crescimento econômico e mudanças urbanísticas, além de políticas, como a criação de museus; a promoção de salões e bienais; encomendas de pinturas-murais. (NÚCLEO DE ARTES, 1982)

Várias gerações de artistas baianos “modernos” se sucederam à primeira. Esta voltou-se para os temas regionais, já a geração seguinte, anos 60, aproximou-se

da “Assemblage” e das tendências: Arte Pop, Novo Realismo e Nova Figuração¹⁰, que também estavam em curso no eixo Rio-São Paulo, e eram repercussões de movimentos em efervescência na Europa e nos EUA.

A produção mais inovadora das décadas seguintes, compreendida como Arte Contemporânea, se caracteriza por mudanças radicais, pois os artistas se desapegaram dos suportes tradicionais utilizados até então, sobretudo a tela. Artistas passaram a formar suas obras com mais liberdade e independência de expressão, sendo muito valorizados os processos.

Além do uso de suportes não tradicionais, como o corpo, a realização de instalações, o desenvolvimento da *land art* e da arte urbana, o uso das tecnologias digitais que caracterizam todos os campos da vida nas últimas décadas trouxeram para os artistas novas possibilidades, o que tem modificado a produção, as formas de exposição e a comercialização da arte no mundo. Essas tendências têm sido abarcadas pela categoria arte contemporânea, cuja ênfase tem sido dada às poéticas visuais e à atuação de coletivos.

Quanto à Bahia, segundo Almandrade: “A arte Contemporânea custou a chegar e acabou sendo diluída sem se assimilar ou abordar direito suas questões, como uma moda fácil que dominou a arte brasileira”, ou seja, não foi dado o tempo para ser vivida a Arte Moderna na Bahia e quando os artistas baianos começaram a assimilá-la já estavam absorvendo com intensidade a essência da Arte Contemporânea, as mudanças sociais obrigaram-vos a acompanhar os avanços (ALMANDRADE, 2005, p.17).

Essa crítica de Almandrade deve ser relativizada, porque não há um modelo de processo cultural, este aconteça sem ter em vista o contexto, sujeitos sociais e as circunstâncias. A produção da arte na Bahia talvez deva ser vista por uma relação maior com temas ligados ao regional e às matrizes étnicas do que em relação à sede do novo. Isso tem relação com o contexto. O que é importante ser dito é que o mercado de arte na Bahia é pouco fluido, mas a produção é consistente e, infelizmente, muitos artistas precisam buscar mercado fora para ser reconhecidos.

O acervo do MAC é composto de obras criadas por artistas atuantes a partir de 1960. Partindo do princípio de que contemporâneo é o que pertence a uma época

¹⁰ Movimentos artísticos que surgiu na década de 50 e que traz consigo imagens próxima do real, montagens com representações daquilo que está próximo do humano.

presente e não longínqua no tempo; o termo contemporâneo abarca toda a produção atual, pois o museu foi criado em 1996.

Figura 17 – César Romero, Sem Título, sem data, Acrílico s/ tela, 80x80 (à esquerda); Juraci Dórea, História do Sertão CXL, 2002, Carvão e PVA s/ tela 80x80 (à direita).



Foto: Gildriele Santos, 2019.

Figura 18 – Salas Expositivas do MAC, exposição com obras do acervo

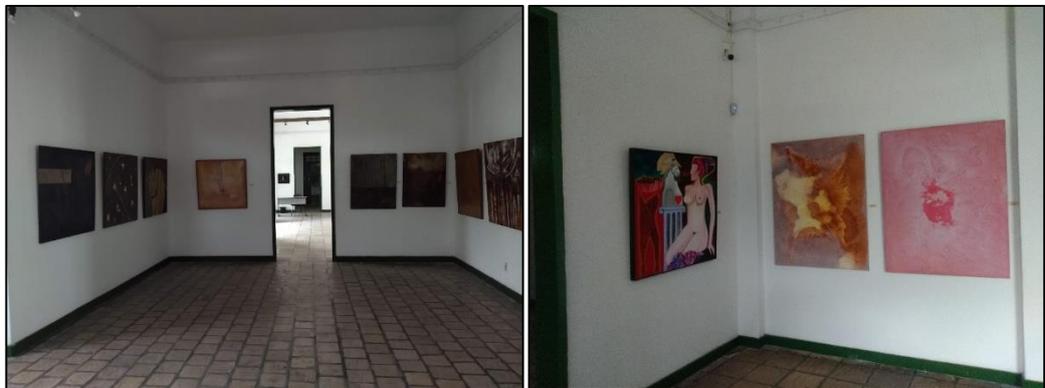


Foto: Gildriele Santos, 2021

Ao identificar o acervo do MAC, foi possível perceber que ele concentrava, nos primeiros anos majoritariamente pinturas. Há trabalhos que possuem as características da arte contemporânea, como a definimos acima, em novos suportes, apesar de se reconhecer que não apenas o suporte está em jogo, mas o conceito de arte contemporânea.

Segundo Cauquelin (2005, p.11):

A arte contemporânea, por outro lado, não dispõe de um tempo de constituição, de uma formulação estabilizada e, portanto, de reconhecimento. Sua simultaneidade – o que ocorre agora – exige uma junção, uma elaboração: o aqui agora da certeza sensível não pode ser captado diretamente.

Sendo assim, o contemporâneo vem dispensando um conceito firmado e concreto, isso porque as produções apresentam mudanças constantes em suas técnicas, seus significados e suas características. Com isso é possível dizer que a arte contemporânea ainda não venha a ter uma formulação exata entre os estudiosos.

Neste caso, trata-se de um conceito em construção e apenas o distanciamento no tempo consolidará um conceito por parte críticos e historiadores da arte.

4. PROPOSTA DE FICHA DE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA PARA AS OBRAS DO ACERVO DO MAC DE FEIRA DE SANTANA

A Documentação dos objetos nos museus abrange a identificação dos objetos, aspectos técnico-formais e iconográficos, das peças, trajetória dos objetos inclusive relatos antecedentes anteriores à sua entrada no museu, croquis, fotografias, entre outros.

Desde nosso Estágio, foi possível identificar deficiências documentais no acervo do MAC, como as suas informações gerais, a conservação preventiva do espaço e dos objetos e orientações dos funcionários ao público quanto a utilização do espaço do museu.

No caso do MAC de Feira de Santana, há lacunas de informações sobre suas peças devido à ausência de dados informacionais de entrada de algumas obras, perdidos por não terem sido registrados no momento do recebimento das peças. Como exemplo, a data de entrada, seu histórico, procedência etc. questões importantes para os trabalhos internos do museu, no entanto, elementos possíveis de encontrar foram registrados na ficha formando a identidade do objeto

Foram realizados estudos bibliográficos para a partir de então, dar início ao processo documental de 5 peças (1 em textos e 4 no apêndice). O critério de escolha das peças a serem documentadas empregado foi: conforme sinalizado na introdução artista feirenses e telas em pinturas.

Quanto ao estudo, este aconteceu com base em teóricos estudiosos do tema e do assunto, como: Renata Padilha, Suely Cerávolo e Maria Inês Cândido. Foi elaborado a ficha catalográfica a qual foi determinada como o principal documento dos objetos, a ficha exige que o pesquisador colha o máximo de informações, que sejam clareza e objetividade dos dados buscados em fontes confiáveis. Contudo, é indispensável um vocabulário controlado que seja aplicável ao museu, que evite que manutenções realizadas nos documentos venha a ser utilizados termos divergentes, dificultando com isso a recuperação verídica dos dados. Sendo assim, para a recuperação do vocabulário a ferramenta tradicional e utilizada com frequência nos museus continua sendo o *Thesaurus*.

No *Thesaurus* todos os termos ou expressões que se aproxima ao objeto podem ser encontrados, assim como as categorias e subcategorias, dessa forma o vocabulário torna-se mais padronizado entre todas as instituições.

Para cada acervo de museu percebe-se que as documentações elaboradas e os itens nas fichas sejam produzidos de acordo com a temática do espaço, com finalidade de registrar o máximo de informações ou se possível não permitindo a nenhum tópico sem informação. No MAC não é diferente e as subdivisões da ficha foi realizada com base nas necessidades informacionais do acervo e que abrangesse dados relacionado as Arte Visuais, para isto houve um levantamento de todos os objetos do acervo através da realização do inventário, o elemento base para definição do acervo e início da Documentação Museológica.

4.1 Levantamento e identificação de obras do acervo: O Inventário

Ao aprofundar os conhecimentos internos sobre o MAC e suas coleções, identificado as deficiências nas questões documentais do acervo a ponto de não existir algum tipo de informações sobre as obras no arquivo, as informações bases extraídas teriam sido registradas pelos artistas, na própria tela. Desse modo, foi elaborado uma lista direta com a relação de todas as peças localizada dentro da instituição, método que facilitaria nas ações documentais a serem realizadas no acervo e em um conhecimento geral das obras, a fim de reconhecer as que pertenciam ou não ao acervo.

A partir desta proximidade inicial, foram identificadas e retiradas as telas as quais não pertenciam ao museu e não possuíam vínculo com a instituição sendo elas de diversos artistas que depositaram no espaço alegando voltar para recolher, esses foram deixados sem nenhuma documentação ou identificação, portanto não integravam nem mesmo a um empréstimo, não havia autorizações dos proprietários para exposições nos espaços ou qualquer ação estando introduzidas junto ao acervo. Executado esse procedimento, houve a elaboração da ficha de arrolamento ou identificação que como descrito por Renata Padilha (2014) consiste a um “ato por meio do qual se realiza a contagem de todos os objetos que fazem parte do museu, sendo criada uma lista numerada para controle e identificação geral do acervo museológico” (PADILHA, 2014, p.41). A ficha consiste basicamente no levantamento do acervo com informações breves e objetiva sobre o objeto e auxilia no trabalho do documentalista, a parti desta é possível ter noção da quantidade total de objeto no acervo do espaço.

A classificação do acervo museológico é determinada de acordo com a categoria do objeto sendo ela exclusiva e específica à qual é determinada pela sua

função e utilidade do objeto, quando ocorre do museu possuir objetos em tipos diferentes são separados e identificados adequadamente definindo assim classes e subclasses.

Segundo Marilúcia Bottallo (2010, p.74) a classificação:

[...] é uma área relacionada à sua identificação a partir do vínculo cultural do objeto e/ou sua origem e/ou sua forma de confecção e/ou a forma como foi incorporado socialmente ou ainda, como sua contribuição para a coleção museológica é entendida.

Existem diversas classificações no ambiente museológico, desses, o acervo do MAC está incluso no grupo das Artes Visuais que vem a englobar produções e técnicas sendo possíveis identificar diversos materiais em sua confecção, são manuseados pelo homem e inclui em suas subcategorias pinturas, fotografias, desenhos, esculturas, construções artísticas definindo a parti de então a arte contemporânea encontrada no museu.

Para tais definições é comum a utilização do Thesaurus, o qual através do mesmo é possível estabelecer todas as informações divisórias do tipo quanto a identificação de cada objeto a ser estudando ou suas coleções e tem por função recuperar as informações com segura e eficiência.

Para uma Documentação Museológica com primazia é necessário que suas informações de identificação estejam obrigatoriamente corretas ou aproximadas de acordo com as informações encontradas, pois torna-se base, sendo a parti deste produzida diversas fichas apropriadas com informações pertinentes do acervo. Por meio do mesmo o profissional passa a está familiarizado com a coleção que será trabalhada, favorecendo as informações futura e para esse procedimento a ferramenta popularmente utilizada nos museus para a ação é a ficha de arrolamento que do ponto de vista de Juliana Monteiro (2010) tende a ser o “instrumento básico (e necessário) de identificação e quantificação de acervo museológico. Ele deve possuir campos básicos e comuns a todos os objetos, de modo a permitir um preenchimento quase total de dados” (MONTEIRO, 2010, p.33).

Na imagem é possível observar os itens escolhido para compor a ficha de arrolamento do MAC, em cada museu os tópicos selecionados são de acordo com a necessidade de informação do acervo. No processo de arrolamento, durante a ação houve divisões de salas para que a atividade fluísse com clareza, deste modo,

inicialmente foram aplicadas nas salas de exposições que continha obras do acervo finalizando com a sala de administração local onde as obras são acondicionadas, ou seja, utilizada como uma Reserva Técnica, logo as informações apresentadas na imagem dispõe de: Ficha de arrolamento ou inventário com informações intrínsecas usada para reconhecimento curto de informação geral do acervo.

Quadro 1 – Modelo da Ficha de Arrolamento/ Inventário do acervo do MAC.

 <div style="display: inline-block; text-align: center; vertical-align: middle;"> <p>MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA RAIMUNDO DE OLIVEIRA</p> </div> <div style="display: inline-block; text-align: right; vertical-align: middle;"> <p>FUNDAÇÃO MUNICIPAL <i>Egberto Costa</i> <small>TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, TELECOMUNICAÇÕES E CULTURA</small></p> </div>						
ARROLAMENTO DO ACERVO						
N° PROVISÓRIO	AUTOR	TÍTULO	DIMENSÕES	DATA	TÉCNICA	FORMA DE AQUISIÇÃO

Fonte: Gildriele Santos, 2019.

Número Provisório: A princípio foi produzida uma numeração continua para inserir na obra, sendo a sua primeira identificação. Nela constava a sigla do museu e uma numeração sequencial.

Autor: O nome do autor foi identificado conforme as assinaturas que constam nas obras.

Título: As obras que possuíam título eram transcritas, as que não possuíam, no local era identificada como uma obra sem registro utilizado a sigla (s/r). Os títulos consistem em nomes atribuídos pelo próprio artista.

Dimensões: As medidas foram retiradas através de uma trena, das quais por tratar de telas e serem bidimensionais foram medidas a Altura (A) x Largura (L).

Data: As informações das datas foram registradas de acordo com as informações que constam nas obras, nas quais os próprios artistas dataram.

Técnica: Por se tratar de artes contemporânea, as técnicas eram bastantes diversificada. E consiste nos materiais os quais foram utilizados para a produção das obras.

Forma de Aquisição: Meio o qual foi adquirida todas as obras do museu.

4.2. Sistema de numeração adequado ao acervo

A numeração além de favorecer no manuseio do objeto, auxilia na segurança e conecta o mesmo a documentação, como afirma Andrew Roberts “o número do objeto providencia a ligação entre o objeto e a sua documentação e pode ser de valor inestimável caso o objeto seja roubado ou extraviado” (ROBERTS, 2004, p.38) sendo assim cada objeto possui um número exclusivo definido para sua identificação, visto que é necessário mesmo que exista duplicata de peças no acervo, ou seja, segundo Andrew Roberts (2004) o número precisa ser único, sendo necessário aplicar em mais de um objeto o mesmo número é preciso criar um código viável para que este objeto permaneça o único no museu. (ROBERTS, 2004, p.38).

Nos casos em que as peças são compostas por mais de um acessório ou fragmentos as quais há divisões é preciso que a numeração seja repetida, acrescida de uma letra minúscula ou número, para isso é necessário observar com muita atenção todo o objeto pois em muitos museus há o descuido e passam despercebidos quando há peças idênticas ou fragmentos. É necessário que a numeração seja bem pensada e definida da forma correta, com muita cautela, pois esta é a identificação definitiva que irá acompanhar o objeto e acervo por um longo tempo enquanto sua existência dentro do museu e fora dele.

Em primeiro momento a marcação numérica nos objetos são realizadas de modo provisório e inserida no próprio objeto, no processo de aplicação das fichas de

registros, a numeração se confirma podendo ser escrito em materiais compatíveis com o material do objeto, inserindo assim, na peça através de um barbante de algodão ou *nylon* e em alguns objetos é possível inserir a numeração na própria peça, isso depende muito do material de fabricação e produção do objeto, é nesses momentos que o conservador participa da ação, por possuir conhecimentos adequados quanto a tais componentes e matérias a utilizar, desses as fitas colantes ou grampos estão proibidos por possuir elementos capazes de danificar o objeto. É necessário cautela ao escolher como será inserido essa numeração, para que não haja perda das informações posteriormente em manuseios frequentes e ou intervenções inadequadas. A numeração no acervo tem por função facilitar a ação dos profissionais sobre as peças como manter a organização e proporcionar na identificação das peças com isso é fundamental que as informações sejam colocadas em locais nos objetos visíveis apenas para os profissionais e não visível para o público.

A escolha do sistema de numeração apropriada ocorreu após longas pesquisa, estudos e conhecimento do acervo, na qual a parti do perfil da coleção pôde identificar um tipo de numeração a qual não oferece contrariedades futuras com o acervo como também em sua segurança. Segundo Renata Padilha (2014) a marcação numérica é “uma atividade indispensável para a autenticidade e segurança do objeto museológico, bem como para a recuperação imediata das suas informações documentais” (PADILHA, 2014, p.41). Deste modo é possível encontrar diversos tipos de numeração nos objetos museológicos sendo:

- **Sistema de Numeração Numérica:**

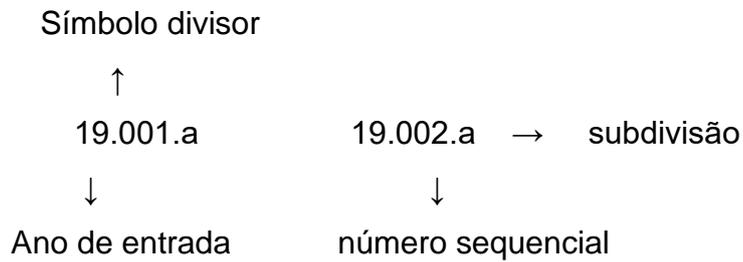
É uma escolha básica inserida com apenas números, nesta numeração geralmente se utiliza o ano de entrada do objeto no museu, o símbolo divisor e o número sequencial. Se o objeto apresentar fragmentos e/ou partes soltas a numeração é repetida acrescida de uma letra minúscula ou números, identificando assim as partes ou fragmentos (isso vale em todos os sistemas de numeração).

Ex:	19.001
	19.002
	↓ ↓
	Ano de entrada número sequencial

Quando possuem divisões das peças:

Ex: 19.001.1	19.002.1
--------------	----------

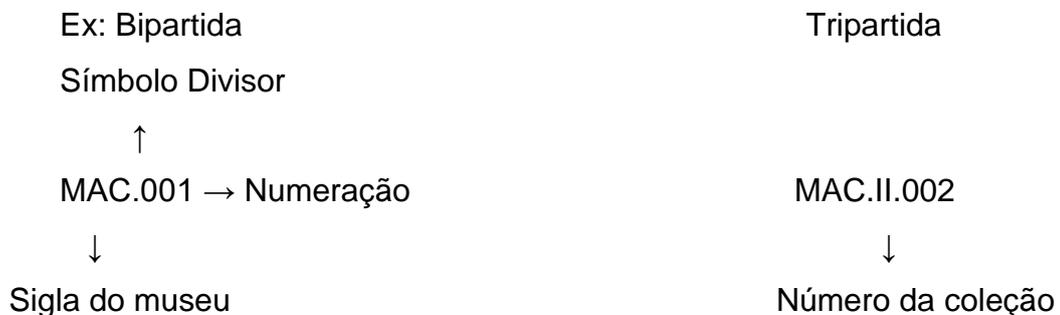
ou



Esse sistema de numeração não convém ao acervo do MAC, pois em pesquisas não é possível encontrar a data e/ou ano exato de entrada de uma quantidade considerável das telas no museu, são informações desconhecidas entre os profissionais que desempenham algum serviço ao local.

- **Sistema de Numeração Alfanumérica (bipartida e tripartida):**

O tipo de numeração mais indicado nos museus, por facilitar a recuperação dos objetos no acervo, e apresentar baixa possibilidade de desordem que acarretam risco, trocas e perda do objeto. Consiste na junção de letras sendo o mais optado entre os museus a sigla do nome da instituição ou da coleção, com um símbolo divisor, seguido da numeração sequencial. Podem ser bipartidas e tripartidas:



Sendo assim ao identificar as carências do MAC, foi possível realizar a escolha da numeração que seria viável, que se enquadrasse no perfil e nas características do acervo correspondendo assim com a Numeração Alfanumérica Bipartida (Figura 16)

Figura 19 – Numeração Provisória inserida nas obras do acervo



Foto: Gildriele Santos, 2021

Por se tratar de um acervo aberto na qual percebe-se que há recebimento constantes de peças para compor o acervo, sendo possível incluir as obras com mais facilidade e dessa forma, além de facilitar e auxiliar aos funcionários internos que não dominam os pontos teóricos museológico como no manuseio das obras e sua conservação.

4.3. As fichas de catalogação aplicadas no acervo

Dentro de um museu as fichas de catalogação são as ferramentas mais utilizadas na Documentação Museológica do acervo, tornando-se acessório indispensável uma vez que, qualquer informação sobre o objeto é possível encontrar nas fichas. Dessa forma, é essencial e imprescindível constar todas as informações, contendo o máximo de detalhes informacionais sobre o objeto das mais simples as mais complexas.

As Fichas de Catalogação apresentam diferenças quanto as fichas de Inventário que por sua vez expõe informações sucinta e as de catalogação mais complexas com informações intrínsecas sendo as informações físicas do objeto e as extrínsecas com o histórico e contextual do objeto, com isso é possível que a ficha de catalogação exija mais atenção do pesquisador, dessa forma com máximo de informação é permitido que apenas esta seja apresentada como a documentação de um acervo museológico.

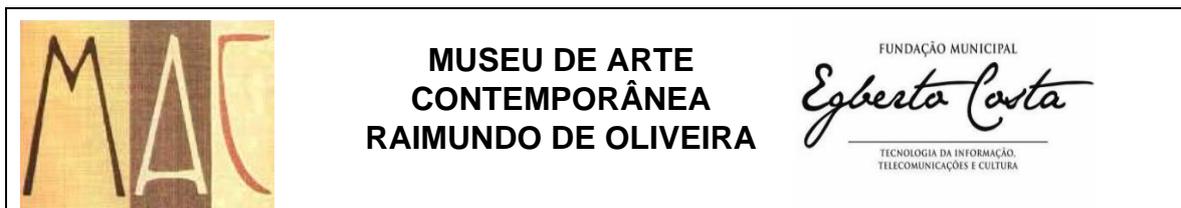
Para a produção da ficha do MAC, foi realizado uma análise do acervo e logo os estudos bibliográficos, com isso os tópicos inseridos foram elaborados acompanhando a temática que por se tratar de conteúdo artísticos os argumentos informacionais pode variar dentro das diversas temáticas museais trazendo da mesma forma as necessidades de informação exigidas pelo museu.

O acervo do MAC é composto por 62 obras, dessas foram escolhidas 5 (cinco) produções artísticas com suportes em tela, para estudos e aplicação das fichas produzidas. Seguindo os critérios:

- Artistas feirenses;
- Telas pintadas

Logo abaixo a ficha de catalogação do MAC:

Quadro 2 – Modelo da Ficha de Catalogação para o MAC.



FICHA DE CATALOGAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DA OBRA:

1. N° de Registro:

2. N° de Registro Anterior:

3. Título:

4. Data:

5. Autor:

6. Material/ Técnica:

7. Origem:

8. Procedência:

9. Modo de Aquisição:

Compra Transferência Doação Produção Interna Permuta

10. Data de Entrada:

11. Marcas/ Incrições:	
12. Dimensões (cm):	
13. Categoria:	14. Subcategoria:
15. Fotografia(s) da Obra:	
ANÁLISE DA OBRA:	
16. Descrição Técnico-Formal:	
17. Iconografia:	
HISTÓRICO DA OBRA:	
CONSERVAÇÃO DA OBRA:	
18. Estado de Conservação:	
<input type="checkbox"/> ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo	
19. Diagnóstico:	
20. Intervenções anteriores:	
21. Observações:	
DADOS DO AUTOR DA OBRA:	
22. Nome artístico e Nome completo	
23. Data de Nascimento:	24. Local: Feira de Santana
25. Data de Falecimento:	26. Local:

27. Biografia:
REFERÊNCIAS:
PREENCHIMENTO:
Responsável pela pesquisa:
Responsável pelo preenchimento da ficha:
Data:
OBSERVAÇÕES:

Fonte: Gildriele Santos, 2019

A Ficha de catalogação produzida para o MAC é composta de 27 itens, dividida em 08 (cinco) segmentos sendo:

- A) Identificação da obra;
- B) Análise da obra;
- C) Histórico da obra;
- D) Conservação da obra;
- E) Dados do autor da obra;
- F) Referências;
- G) Preenchimento;
- H) Observações.

Para apresentação da ficha, inicialmente encontra-se o nome da instituição e informações que compõem o cabeçalho da ficha, como os conteúdos de apresentação da instituição contendo o nome endereço, além dos dados da entidade responsável por administrar o museu, seguido do Título da ficha identificada como “FICHA DE CATALOGAÇÃO”. Após, são apresentados os itens com conteúdo informacionais sobre o objeto, sendo:

IDENTIFICAÇÃO DA OBRA:

1. **N° de Registro:** O número definido para identificar o objeto em todas as ações dentro do museu.
2. **N° de Registro Anterior:** Algumas obras do acervo possui uma numeração que supostamente foi atribuída pelo próprio autor da obra.
3. **Título:** Título atribuído pelo autor da obra;
4. **Data:** Data da produção da obra
5. **Autor:** Nome artístico do autor da obra, consiste no nome que o autor utilizar para apresentar suas obras;
6. **Material/ Técnica:** Foram inseridos os elementos utilizados para a produção do conteúdo;
7. **Origem:** O local (cidade, estado, país) o qual a obra foi produzida;
8. **Procedência:** A origem da obra. Como o acervo do MAC é composto de doações, a procedência é apresentada como o doador da obra;
9. **Modo de aquisição:** Meio pelo qual o museu adquiriu a obra
10. **Data de Entrada:** Data de recebimento da obra pelo museu;
11. **Marcas/ Incrições:** Nas obras do acervo em sua maioria os artistas registraram sua assinatura, algumas delas possuem informações adicionais na parte traseira da tela;
12. **Dimensões:** As medidas das telas que são realizadas através de uma trena sendo Altura(A) x Largura (L) dadas em centímetros (cm).
13. **Categoria:** Grupo ao qual a obra pertence de acordo com a sua função, geralmente os museus o separa por coleção;
14. **Subcategoria:** É uma divisão, ou uma parte menor da categoria, obedecendo uma hierarquia;
15. **Fotografias da Obra:** Fotografia dos vários lados da obra.

ANÁLISE DA OBRA:

16. **Descrição Técnico-Formal:** As descrições das obras foram realizadas a partir do que estava sendo vista na tela, dividindo-as em momentos como: informações das cores, com ou em relevo.
17. **Iconografia:** A interpretação do que está sendo visualizado na obra. O que está sendo passado ou representado.

HISTÓRICO DA OBRA: Em seu histórico é apresentado caminhos percorridos até tornar-se acervo do MAC como os locais as quais já foram expostas, como exposições individuais e coletivas, uma breve história do artista com a obra.

CONSERVAÇÃO DA OBRA:

18. **Estado de Conservação:** É definido em uma das quatro opções como Ótimo, Bom, regular, péssimo;
19. **Diagnóstico:** Breve informações de como encontra-se a obra, quanto a sua conservação;
20. **Intervenções Anteriores:** Caso a obra tenha passado por alguma ação, tratamentos, em seu conteúdo ou em seu suporte;
21. **Observações:** Caso possua mais informações a acrescentar sobre seu estado de conservação.

DADOS DO AUTOR DA OBRA:

22. **Nome artístico e Nome completo:** Além do nome artístico, o nome de registro do autor da obra
23. **Data de nascimento:** A data exata de seu nascimento
24. **Local:** Cidade, Estado ou País de nascimento do autor
25. **Data de falecimento:** Preenchido apenas se caso o autor da obra seja falecido.
26. **Local:** Município, Estado e/ ou país de falecimento do autor (se falecido);
27. **Biografia:** Compõe informações breves, trajetória da vida artística do autor da obra.

REFERÊNCIAS: As referências bibliográficas, eletrônicas, documentais (se houver) pesquisadas e utilizadas para preenchimento da ficha.

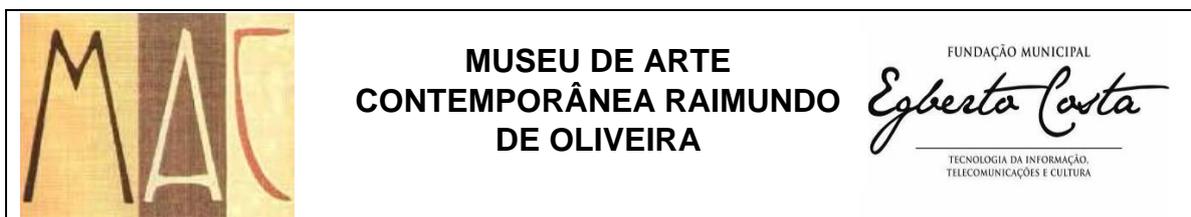
OBSERVAÇÕES: Informação que não foram incluídas em alguns dos itens anteriores e/ou que venha a surgir.

PREENCHIMENTO: Responsáveis pela pesquisa e pelo preenchimento da ficha.

Data: A data do preenchimento. É necessário conter Dia/ Mês/ Ano, máximo de conteúdo datal.

Além das informações registradas em suporte papel, são necessários os registros de imagens fotográficas, as quais facilitam igualmente o acesso a localização e identificação do objeto. São dados detalhados e essenciais capazes de transmitir conhecimento para todos que venham a ter acesso. A presença da fotografia na ficha documental torna-se importante, pois o visual facilita ao máximo a associação do objeto à imagem quando ocorrem divergência informacional. A fotografia auxilia o pesquisador quando surgem incertezas em relação a traços que o objeto possui, além de manter informações em relação ao acervo em um banco de dados e manter a segurança do objeto no acervo sem a fotografia as futuras ações com o objeto podem ser dificultadas. Logo abaixo uma das fichas de catalogação das cinco que foram aplicadas no acervo:

Quadro 3 – Ficha de Catalogação aplicada a uma obra do acervo



FICHA DE CATALOGAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DA OBRA:

- | | |
|--|---|
| 1. | Nº de Registro: MAC.017 |
| 2. | Nº de Registro Anterior: s/r |
| 3. | Título: Histórias do Sertão CXL |
| 4. | Data: 2002 |
| 5. | Autor: Juraci Dórea |
| 6. | Material/ Técnica: Carvão e PVA s/ tela |
| 7. | Origem: Feira de Santana |
| 8. | Procedência: Juraci Dórea |
| 9. | Modo de Aquisição: |
| <input type="checkbox"/> Compra <input type="checkbox"/> Transferência <input checked="" type="checkbox"/> Doação <input type="checkbox"/> Produção Interna <input type="checkbox"/> Permuta | |

10. Data de Entrada: s/r	
11. Marcas/ Inscrições: Lado frontal esquerdo inferior/ Lado traseiro parte superior.	
12. Dimensões (cm): 80 X80 cm	
13. Categoria: Artes Visuais	14. Subcategoria: Pintura
15. Fotografia da Obra:	
Frente	
	
Crédito: Gildriele Santos	
ANÁLISE DA OBRA:	
16. Descrição Técnico-Formal:	
<p>A composição, em formato quase quadrado, tem uma decoração em seu entorno, composta de losangos nas cores verde, branco e preto. A composição central é figurativa estilizada, em preto e branco, se caracteriza pela angulação das formas. Compõe-se de uma figura com traços masculinos, usando chapéu, camisa de mangas longas, calça; seu braço do lado esquerdo da tela está em linha reta indicando para baixo, onde figura uma garrafa com folhas dentro, e o braço do lado direito da tela encontra-se em linha diagonal, tocando uma estrela e um candeeiro. Ao seu lado uma figura de animal, com orelhas em formato triangular, boca aberta denteada e língua terminada em duas pontas; seu corpo está curvo e alongado. Todo o espaço é preenchido por imagens, como gravuras, bandeirolas, candeeiro, pássaro, peixe e corações.</p>	

17. Iconografia:		
A própria composição remete à gravura, mais particularmente, ao cordel, gênero composto de imagens de xilogravura e textos, vendidos nas feiras do Nordeste. Os elementos compositivos remetem a figuras simbólicas, representações da cultura nordestina e sertaneja, como o chapéu de couro usado pelo homem, as gravuras de cordel com títulos (O Bicho do Tomba e a Peleja de Narciso). As estrelas e o candeeiro representam a noite, enquanto os animais evocam a natureza. Um crânio de animal parece fazer alusão à seca, presente na região.		
HISTÓRICO DA OBRA:		
CONSERVAÇÃO DA OBRA:		
18. Estado de Conservação:		
<input type="checkbox"/> ótimo	<input checked="" type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo
19. Diagnóstico: A obra encontra-se em bom estado de conservação, necessita da realização da higienização mecânica.		
20. Intervenções anteriores: Não Possui		
21. Observações:		
DADOS DO AUTOR DA OBRA:		
22. Nome artístico: Juraci Dórea (Juraci Dórea Falcão)		
23. Data de Nascimento: 15.out.1944	24. Local: Feira de Santana	
25. Data de Falecimento	26. Local:	
27. Biografia: Dedicou-se às artes plásticas desde o começo dos anos 60. Juraci é Arquiteto, escultor e artista plástico. Seu trabalho tem fortes ligações com o sertão e mais especificamente, reflete aspectos da "civilização do couro", cujos vestígios ainda estão presentes na região de Feira de Santana, onde o artista ainda reside. Dirigiu o Departamento de Cultura do Município de Feira de Santana, na administração do professor José Raimundo Pereira de Azevedo (prefeito no período), de 1994 a 1996, período em que idealizava a criação do Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana.		

REFERÊNCIAS: DOREA, Juraci. Paisagem Nordestina. Salvador: Centro Cultural Correios, 2008.
PREENCHIMENTO:
Responsável pela pesquisa: Gildriele Santos Barbosa
Responsável pelo preenchimento: Gildriele Santos Barbosa
Data: 14.nov. 2019
OBSERVAÇÕES:

Fonte: Gildriele Santos, 2019

Na ficha catalográfica é preciso deixar campo para “OBSERVAÇÕES”, nela podem ser inseridas todas as informações referentes a ações e movimentações realizadas com o objeto, enquanto for objeto de pesquisa dentro e fora do espaço museológico, além das informações que não foram possíveis inserir nos tópicos.

Lembrando que na ficha nem sempre todos os campos serão preenchidos, pois alguns dados não serão alcançados pelo pesquisador para serem inseridas no documento apesar de existir uma obrigatoriedade de preencher o máximo de dados e nem todas as informações documentadas devem ser expostas para o público, já que existem informações que são de interesse apenas das atividades internas do museu.

Na etapa em que o pesquisador faz o preenchimento da ficha é obrigatório o uso do lápis para inserir os conteúdos informacionais quando feito manualmente, uma vez que escrito a lápis há facilidade na recuperação e correção dos dados, isso vem a ser em todas as atividades documentais realizadas no espaço, além do mais alguns documentos podem ser inseridos junto ao próprio objeto e a tinta de uma caneta esferográfica e/ou objeto de escrita que possuam pigmentos prejudiciais para a peça do acervo podem danificá-las irreversivelmente.

Além da Ficha de Catalogação, foi produzido um “Sistema de Documentação Museológica” simples para o controle e acesso fácil da documentação de modo geral do acervo informações estas que ficam armazenadas no computador do museu o qual os funcionários possui o acesso e encontra-se disponível para ser editado, ou seja informações diárias que forem surgindo sobre os objetos do acervo podem ser acrescentadas como é o caso de movimentações internas e externas das telas, esse

controle é capaz de transferir principalmente segurança para as obras e para a documentação, pois é possível diminuir o manuseio constante nos documentos. Este sistema pode permanecer disponível para pesquisas informacionais dos visitantes interessando em informações mais aprofundadas sobre as obras

As informações contidas na página são capazes de sanar dúvidas do pesquisador interessado na temática abordada pelo museu sem a exigência de manusear os documentos arquivados dentro do museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou a pesquisa sobre a Documentação Museológica do acervo do Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, constatou-se a gravidade da falta de documentação das obras e a necessidade de desenvolver um sistema documental, tendo em vista a relevância de seu acervo de arte contemporânea para a cidade de Feira de Santana - BA. Também observou-se a falta de profissionais especializados para realizar ações em prol da documentação do acervo do Museu, lacuna que leva a uma situação, a qual afeta diretamente a interação do público no espaço. Além dos aspectos de ordem estética, o visitante que busca o MAC – Feira poderia usufruir de mais acesso à informação, sobretudo, o público jovem e escolar.

A necessidade de fazer um estudo que possa trazer benefícios ao museu quanto à sua organização interna, sobretudo, de sua Documentação Museológica pareceu urgente, pois esta é ponto primeiro para o funcionamento do museu, quando se visa a uma comunicação fundamentada e uma educação patrimonial qualificada para os visitantes do espaço.

É preciso pontuar que conhecimentos teóricos e práticos específicos tanto do museu quanto das suas obras foram essenciais para esta produção, como o levantamento de todo o acervo, os estudos bibliográficos, as observações a identificação quanto à classificação do acervo junto à equipe e a elaboração de instrumentos de Documentação Museológica.

A recontagem das obras do acervo contribuiu para a gestão da instituição, pois existiam numerosas obras de artistas que fizeram exposições temporárias no espaço, e após desmontagem não foram retirar do local. Hoje encontram-se em reserva separada no museu.

Sugere-se ao MAC – Feira que viabilize um Projeto de Documentação seguindo os princípios da Documentação Museológica e em acordo com seus objetivos enquanto instituição pública voltada para a cultura e a arte. Espera-se que este trabalho possa abrir caminho para esse projeto, uma vez que, além de trazer subsídios teóricos, apresenta ao museu uma Ficha de Catalogação, como um documento essencial e principal para o acervo pertencente da instituição, disponibilizando nela informações extrínsecas e intrínsecas às obras, o que auxiliará

a instituição. A elaboração dessa ficha foi assim uma das metas alcançadas nesta pesquisa.

Também é recomendado que, além da continuidade nas ações documentais, haja um recolhimento e conservação quanto a todas as variedades informacionais do acervo, visto que cada conteúdo colhido irá preservar, manter a segurança do acervo, facilitar o manuseio interno, os deslocamentos do acervo, além do enriquecimento sobre a sua temática: a Arte Contemporânea.

Na medida que venha a se fazer um trabalho sistemático de documentação e que se coloque em prática uma rotina de comunicação que faça uso dela, aconselha-se aos gestores do Museu que também promovam a pesquisa de público periódica. A participação, a satisfação e o retorno do público devem ser levados em conta.

Finalmente, considera-se de grande importância, o interesse dos órgãos aos quais o museu estudado está vinculado, porque é fundamental seu apoio nesse processo, assim como podem ser buscadas novas parcerias.

REFERÊNCIAS

ACAM Portinari. Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes. São Paulo. Governo do Estados de São Paulo, 2010.

ALMANDRADE, Antônio Luiz Morais. Do Moderno ao Contemporâneo: Notas sobre o circuito de arte na Bahia. *Revista da Bahia*. Salvador, n.40, p.17-22, 2005

ALMANDRADE a, Antônio Luiz Morais. A vanguarda e o Contemporâneo: O circuito de arte na Bahia. Disponível em: <https://portalartes.com.br/colunistas/almandrade/a-vanguarda-e-o-contemporaneo-o-circuito-de-arte-na-bahia.html> Acesso: 22 ago. 2019.

ALMANDRADE b, Antônio Luiz Morais. Museu e a arte contemporânea. Disponível em: <https://portalartes.com.br/colunistas/almandrade/o-museu-e-a-arte-contemporanea.html> Acesso 22 ago. 2019.

AMARAL, Aracy. Artes plásticas na Semana de 22. 5.ed. São Paulo, SP: Editora 34, 1998.

AS ARTES, o Brasil e a década de 1960. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/as-artes-brasil-decada-1960.htm>_ Acesso: 14 out. 2020.

BAUER, Jonei. Potencialidades da documentação museológica. In: TRÍSCELE. Disponível em: <https://www.triscele.com.br/triscele/potencialidades-da-documentacao-museologica>. Acesso em: 28 mai 2020.

BIBLIOTECA, catálogo. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=429088&view=detalhes>. Acesso 21 jul 2020

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em Documentação Museológico. In: ACAM Portinari. *Documentação e Conservação de Acervos Museológico*: Diretrizes. São Paulo: ACAM Portinari, 2010, p. 48-79.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)* Tradução Nilo Odália Editora UNESP Fundação para o Desenvolvimento Da UNESP São Paulo 1992.

CABRAL, Carlos Henrique Romeu. O modernismo fora do eixo Rio/São Paulo - Recife como polo de produção e exportação da arte moderna brasileira, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017.

CALUMBI, Gislaine da Silva. Galeria de Arte Carlo Barbosa. In: CENTRO Universitário de Cultura e Arte. Universidade Estadual de Feira de Santana. Disponível em: http://www.cuca.uefs.br/?page_id=270 Acesso em: 31 mar 2021

CASTRO, Renata Brião; GASTAUD, Carla Rodrigues. O que são centros de documentação? O caso do Centro de Documentação do Centro de estudos e investigação em História da educação. *Revista Linhas*. Florianópolis, v.18, n.37, p.263-282, 2017.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: Uma Introdução*. São Paulo: 2005.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do documento perdido: A problemática da construção Teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 2, n. 2, 11.

CÂMARA dos deputados. *Legislação sobre museus*. 2. ed. Brasília, 2013.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: SECRETARIA de Estado da Cultura Superintendência de Museus; Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional Departamento de Museus e Centros Culturais. *Caderno de Diretrizes Museológicas*. Belo Horizonte, Brasília, 2006.

CERAVOLO, Suely M. *Proposta de sistema de informação documentária para museus (SIDM): a organização da informação para o Museu de Anatomia Veterinária (FMVZ/USP)*. Dissertação. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1998. (Publicação eletrônico de 2017)

CERAVOLO, Suely; TÁLAMO, Maria. Tratamento e Organização de informações documentárias em museus. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 10, p.241-253, 2000.

CICERO DIAS. In: ENCICLÓPEDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1787/cicero-dias> Acesso 14 out. 2020.

CHAGAS, Mário de Souza. Em busca do documento perdido: A problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 2, n.2, 1994.

COSTA, Evanise Pascoa. *Princípios básicos da museologia*. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretária de Estado da Cultura, 2006.

DADAÍSMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3651/dadaismo> Acesso em: 10 de set. 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de Museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DI CAVALCANTI. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa971/di-cavalcanti> Acesso em: 09 nov 2020.

FABBRI, Angelica; MACHADO, Cecília. Informatização dos acervos dos museus como ferramenta de acesso. In: ACAM Portinari. Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes. São Paulo: ACAM Portinari, 2010, p. 26-29

FEIRA DE SANTANA. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/feira-de-santana.html> Acesso em: 17 abr. 2020.

FERREZ, Helena Dodd et Colaboradores. *Tesouro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2016.

FERREZ, Helena Dodd. *THESAURUS para acervos museológicos*. Rio de Janeiro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

FUTURISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo358/futurismo> Acesso em: 09 nov. 2020.

GALERIA DE ARTE CARLO BARBOSA. In: UEFS Universidade Estadual de Feira de Santana. Disponível em: <http://www.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=120> Acesso em: 21 abr. 2021.

GOFF, Jacques Le. História e Memória Tradução: Bernardo Leitão. Unicamp: São Paulo, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf Acesso em: 24 abr 2021.

GONÇALVES, Lisbeth R. *Arte brasileira no século XX*. ABCA: São Paulo, 2007, p.17-32.

ICOM; UNESCO. Como Gerir um Museu: Manual prático. França, 2004.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Esboço acerca da documentação museológica. In: MAST, Colloquia. (Org.). *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2008, p.24-30.

LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer. A documentação museológica entre arte e ciência. In: MAST, Colloquia. (Org.). *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2008, p.104-114.

MAST, Colloquia. *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2008.

MEMORIAL DA FEIRA. Disponível em: <<http://www.memorialdafeira.ba.gov.br/>> Acesso em: 24 abr. 2021.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro.

MONTEIRO, Juliana. Diretrizes Teórico-Methodológicas do Projeto. In: ACAM Portinari. (Org.). Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes. São Paulo: ACAM Portinari, 2010, p.30-45.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. Projeto memória da feira livre de Feira de Santana. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 17, p. 305-335, 1997.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA RAIMUNDO DE OLIVEIRA. In: Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Feira de Santana, 2020. Disponível em: http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?id=29&link=funtitec/museu_arte.asp Acesso 14 out 2020.

NÚCLEO DE ARTES. Primórdios da Arte Moderna na Bahia. Salvador, 1982.

“O BECO continua Nosso” revitaliza painéis ao ar livre. In: Prefeitura de Feira: o governo da gente. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?s=a&link=secom/webtv.asp&idv=26530> Acesso em: 01 mar 2021.

ODORICO TAVARES. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24081/odorico-tavares>. Acesso em: 14 out. 2020. Verbetes da Enciclopédia.

OLIVEIRA, Amanda de Almeida. *A documentação museológica como suporte para a comunicação com o público: A cadeira de arruar do museu de arte da Bahia*. 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 2018.

OLIVEIRA, Sandra Nivia Soares de. Um modelar estabelecimento de ensino: o Colégio Santanópolis na cidade de Feira de Santana (1934-1959). 311 fls. 1914. (Tese) Doutorado em Educação. Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador 1914.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação museológica e gestão de acervo*. FCC Edições. Florianópolis, 2014.

PREFEITURA DE FEIRA DE SANTANA. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br> Acesso em: 31 mar 2021.

PERSONALIDADES DA FEIRA. In: Memorial da Feira. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catvid=2#tag> Acesso em: 19 jul 2020.

RAIMUNDO de Oliveira. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9447/raimundo-de-oliveira> Acesso em: 01 de Mai. 2021. Verbetes da Enciclopédia.

ROBERTS, Andrew. Inventário e Documentação. In: ICOM. (Org.). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. França, 2004. p. 33-54.

SANTANÓPOLIS. In: Ginásio Santanópolis. Disponível em: <http://ginasiosantanopolis.blogspot.com/search/label/Alunos> Acesso em: 24 abr. 2021.

SILVA, Mariana Estellita Lins. A documentação museológica enquanto estrutura e as desarticulações provocadas pela arte contemporânea. In: CERBINO, Beatriz (org.). *Subversões de protocolos: uso impróprio*. Niterói: PPGCA – UFF, 2016. p.173-186.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A documentação e suas diversas abordagens. In: MAST, Colloquia. (Org.). *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2008.

SURREALISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3650/surrealismo>>. Acesso em: 11 de Set 2020. Verbetes da Enciclopédia.

TANUS, Gabrielle; RENAU, Leonardo; ARAÚJO, Carlos. O conceito de documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.8, n.2, p. 158-174, 2012.

TARSILA DO AMARAL. In: Escritório de Arte.com. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com/artista/tarsila-do-amaral> Acesso em: 09 nov. 2020.

100 ARTISTAS PLÁSTICOS DA BAHIA. Salvador: Prova do Artista, 1999, p. 120.

+ 100 ARTISTAS PLÁSTICOS DA BAHIA. Salvador: Prova do Artista, 2001, p.128.

ARQUIVOS:

ARQUIVO PÚBLICO DE FEIRA DE SANTANA

APÊNDICE A – Fichas de Catalogação



FICHA DE CATALOGAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DA OBRA:

1. N° de Registro: MAC.003

2. N° de Registro Anterior: 46

3. Título: Versos no Parque

4. Data: 1996

5. Autor: Maristela Ribeiro

6. Material/ Técnica: Acrílica s/ tela

7. Origem: Feira de Santana

8. Procedência: Maristela Ribeiro

9. Modo de Aquisição:

Compra Transferência Doação Produção Interna Permuta

10. Data de Entrada: s/r

11. Marcas/ Inscrições: Lado direito parte inferior frontal da tela, parte superior traseira no centro da tela.

12. Dimensões (cm): 100X100 cm

13. Categoria: Artes Visuais

14. Subcategoria: Pintura

15. Fotografia da Obra:

Frente



Crédito: Gildriele Santos

ANÁLISE DA OBRA:

16. Descrição Técnico-Formal:

Pintura fundo escuro sobre o qual se destacam figuras abstratas ovais e triângulos de várias cores, e formas amarelas parecendo figuras em movimento se destacam. A composição é cortada por umas linhas amarelas: uma curva ascendente no canto superior esquerdo, da qual emerge uma linha reta descendente cortando o espaço até o canto inferior direito, e um seguimento de linha descendente na parte superior da obra.

17. Iconografia:

Esta obra faz parte de uma série chamada “Piões e Pipas”, brinquedo geralmente de madeira, cuja parte inferior tem a forma de um cone e uma ponta de ferro. Este objeto possui uma corda enrolada que quando puxada, faz girá-lo sobre o eixo perpendicular. Usado em algumas culturas para a adivinhação, e muito usado no Brasil como brinquedo infantil, fazendo parte das memórias da artista, que chama atenção para a poesia da infância e relembra brincadeiras que se tornaram pouco usuais.

HISTÓRICO DA OBRA:

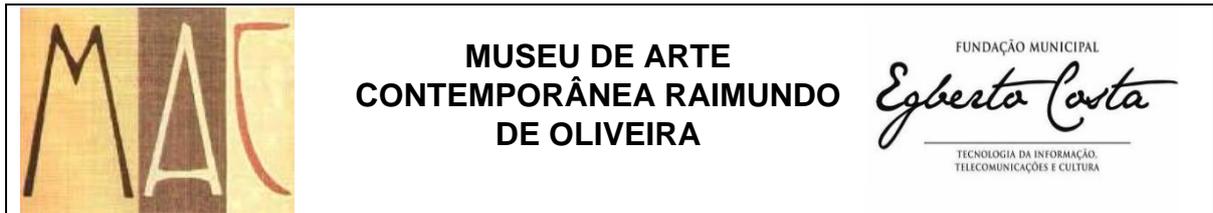
A obra foi apresentada no III Salão do MAM – Bahia – Salvador em 1996, anterior à doação para o MAC – Feira.

CONSERVAÇÃO DA OBRA:

18. Estado de Conservação:

<input type="checkbox"/> ótimo	<input checked="" type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Péssimo
19. Diagnóstico: Obra encontra-se em bom estado de conservação, constatou-se, objetos perfurantes utilizados para fixar a tela oxidados, necessitando da higienização mecânica.			
20. Intervenções anteriores: Não Possui			
21. Observações:			
DADOS DO AUTOR DA OBRA:			
22. Nome: Maristela Ribeiro (Maristela Santos Almeida Ribeiro)			
23. Data de Nascimento: 18 mai. 1960		24. Local: Feira de Santana	
25. Data de Falecimento:		26. Local:	
27. Biografia: Artista plástica, iniciou seu percurso artístico por meio dos Salões Regionais de Arte promovidos pela Fundação Cultural do Estado da Bahia. Seu trabalho artístico aborda o diálogo poético com experimentações oriundas das linguagens visuais contemporâneas. A artista tem obras em vários acervos públicos e privados. Desde meados dos anos 90 participa com frequência de coletivas, salões e bienais na Bahia, em outros estados brasileiros, assim como em outros países, tendo recebido diversos prêmios e menções. (Pesquisa: Gildriele Santos Barbosa)			
REFERÊNCIAS:			
MARISTELA Ribeiro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20949/maristela-ribeiro . Acesso em: 04 de dez. 2019.			
MARISTELA, Ribeiro. Casa do Sertão. Feira de Santana-BA: Programa Nacional de Cultura do Nordeste do Brasil - BNB/ BNDES.			
RIBEIRO, Maristela S. A. Fendas e Frestas. Salvador, 2005			
PREENCHIMENTO:			
Responsável pela pesquisa: Gildriele Santos Barbosa			
Responsável pelo preenchimento: Gildriele Santos Barbosa			

Data: 22.nov.2019
OBSERVAÇÕES:



FICHA DE CATALOGAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DA OBRA:	
1.	Nº de Registro: MAC.004
2.	Nº de Registro Anterior: s/r
3.	Título: Signos: Tribalis
4.	Data: 2006
5.	Autor: Guache Marques
6.	Material/ Técnica: Mista s/ tela
7.	Origem: Feira de Santana
8.	Procedência: Guache Marques
9.	Modo de Aquisição: <input type="checkbox"/> Compra <input type="checkbox"/> Transferência <input checked="" type="checkbox"/> Doação <input type="checkbox"/> Produção Interna <input type="checkbox"/> Permuta
10.	Data de Entrada: 200-?
11.	Marcas/ Inscrições: Lado direito parte inferior frontal da tela, parte traseira lado esquerdo inferior da tela.
12.	Dimensões (cm): 110 X 99 cm
13.	14. Subcategoria: Pintura
13.	Categoria: Artes Visuais

15. Fotografia da Obra:

Frente



Crédito: Gildriele Santos

ANÁLISE DA OBRA:

16. Descrição Técnico-Formal:

Pintura de fundo marrom, com zonas acinzentadas, amarronzadas e vermelhas, composta por forma volumosa e com setas curvas – na cor branca - que indicam movimento, essas formas em setas que apontam lados opostos (direita e esquerda). Na parte inferior, diversas hastes, cuja terminação superior em triângulos retos, curvos e pontiagudos.

17. Iconografia:

Identificam-se as hastes com terminações triangulares a ferramentas empregadas na agricultura: cavadeira, enxada, pá e em forma de lança. Esses instrumentos ligados ao trabalho com a terra, cuja cor domina no fundo da tela. Texturas e manchas, ao lado de áreas de cores quentes concedem força expressiva à pintura.

HISTÓRICO DA OBRA:

CONSERVAÇÃO DA OBRA:

18. Estado de Conservação:

ótimo Bom Regular Péssimo

19. Diagnóstico: A obra encontra-se em bom estado de conservação, apresenta sujidades na pintura, oxidação de objetos utilizados para fixação da tela. A obra necessita de higienização mecânica.

20. Intervenções anteriores: Não Possui	
21. Observações:	
DADOS DO AUTOR DA OBRA:	
22. Nome: Guache Marques (Antônio Gomes Marques)	
23. Data de Nascimento: 09.jan.1954	24. Local: Feira de Santana
25. Data de Falecimento:	26. Local:
27. Biografia: Iniciou seus estudos sobre artes no município de Feira de Santana, foi aluno da Escola de Belas Artes concluindo em 1980. Foi Professor Orientador nas técnicas de Xilogravura, Litogravura e Gravura em Metal. A partir daí iniciou, efetivamente, sua participação em importantes salões e exposições coletivas na Bahia, Buenos Aires, Paris e em outros estados brasileiros. Possui obras em coleções particulares em Buenos Aires, Bruxelas, Washington D.C. e Paris. Possui vários painéis coletivos: Escola Polivalente do Cabula, a Biblioteca Central da UFBA, Secretaria de Administração no Centro Administrativo, além de obras no acervo do MAMBa (Museu de Arte Moderna da Bahia), Museu de Castro Alves em Muritiba, Museu Regional de Feira de Santana – CUCA e MAC (Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira) em Feira de Santana. Suas técnicas consistem em uma leitura contemporânea do cotidiano em que magia e mistério lhe servem como fontes constantes de inspiração. Representa em suas artes signos afro-brasileiro do figurativo ao simbólico.	
REFERÊNCIAS:	
DICIONÁRIO MANUEL QUIRINO DE ARTE NA BAHIA. Disponível em: http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/antonio-gomes-marques-guache-marques/ . Acesso 05.dez.2019	
VIVA FEIRA: O seu espaço de cultura e lazer. Disponível em: http://www.vivafeira.com.br/perfil.php?id=151 . Acesso 05.dez.2019	
GUACHE MARQUES. currículo suscinto. Disponível em: https://www.flickr.com/people/guachemarques/ . Acesso: 05.dez.2019	
MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA Raimundo de Oliveira. Disponível em:	

https://macfeira.wordpress.com/2019/10/14/muncab-mac-arte-em-movimento/ . Acesso: 07.dez.2019
PREENCHIMENTO:
Responsável pela pesquisa: Gildriele Santos Barbosa
Responsável pelo preenchimento: Gildriele Santos Barbosa
Data: 19.nov.2019.
OBSERVAÇÕES:



FICHA DE CATALOGAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DA OBRA:
1. N° de Registro: MAC.026
2. N° de Registro Anterior: 08
3. Título: s/t
4. Data: s/t
5. Autor: César Romero
6. Material/ Técnica: Acrílica s/ tela
7. Origem: Feira de Santana
8. Procedência: César Romero
9. Modo de Aquisição: <input type="checkbox"/> Compra <input type="checkbox"/> Transferência <input checked="" type="checkbox"/> Doação <input type="checkbox"/> Produção Interna <input type="checkbox"/> Permuta
10. Data de Entrada: s/r
11. Marcas/ Inscrições: Parte traseira da tela lado esquerdo superior
12. Dimensões (cm): 80 X 80 cm

13. Categoria: Artes Visuais	14. Subcategoria: Pintura
<p>15. Fotografia da Obra:</p> <p style="text-align: center;">Frente</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>Crédito: Gildriele Santos</p>	
ANÁLISE DA OBRA:	
<p>16. Descrição Técnico-Formal:</p> <p>Composição em formato quadrado, sendo o espaço trabalhado com formas retas e curvas, as cores são azuis, vermelhos e magenta, ou seja, há um jogo com tonalidades quentes e frias. O espaço é dividido na parte superior por uma forma curva e na parte inferior por formas verticais que geram três campos. No campo central, há formas geométricas dispostas umas sobre as outras em zig zag, já as zonas laterais, são preenchidas figuras com formas em movimento, parecendo girinos.</p>	
<p>17. Iconografia:</p> <p>Interpreta-se a obra, como uma abstração, cujas formas lembram a transformação a natureza, que vai da larva (girino), mais particularmente, de anuros (como as rãs e sapos), caudados e ápodes, que sofrem metamorfoses antes de chegar ao estado adulto. É possível que na zona central esteja representado o movimento do animal adulto.</p>	
HISTÓRICO DA OBRA:	
CONSERVAÇÃO DA OBRA:	
18. Estado de Conservação:	
<input type="checkbox"/> ótimo <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo	

19. Diagnóstico: Tela em bom estado de conservação, objetos perfurantes utilizados para fixar a tela estão oxidando. A obra necessita de ações como a higienização mecânica.	
20. Intervenções anteriores: Não Possui	
21. Observações:	
DADOS DO AUTOR DA OBRA:	
22. Nome: César Romero (César Romero de Oliveira Cardoso)	
23. Data de Nascimento: 18.out.1950	24. Local: Feira de Santana
25. Data de Falecimento	26. Local:
27. Biografia: Autodidata, iniciou-se nas artes plásticas em 1967. É pintor, fotógrafo e crítico de arte. Vive e trabalha em Salvador desde 1966. Já participou com exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior. César Romero é conhecido pelos seus traços em utilizar símbolos em suas representações figurativa. Como afirma Matilde Matos (2021) "A arte de César Romero se baseia num constante processo de síntese em torno dos seus símbolos, criados não para mostrar os problemas espirituais do homem, mas como uma escrita particular para com ela dizer o que pensa deles e o modo como vivem hoje, (...) César evita o óbvio da ilustração direta e leva o espectador a decifrar seus motivos pois afirma seus temas de modo tão exato, que o seu intento prevalece claro." (Pesquisa: Crédito: Gildriele Santos Barbosa)	
REFERÊNCIAS:	
CÉSAR, Romero. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8944/c%C3%A9sar-romero . Acesso em: 18.nov.2019	
CÉSAR, Romero. In: Escritório de Arte.com. São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.escriitoriodearte.com/artista/cesar-romero#:~:text=Optando%20pelo%20simbolismo%2C%20C%C3%A9sar%20Romero,o%20seu%20intento%20prevalece%20claro . Acesso em: 10.mai.2021	
MUNCAB & MAC – ARTE EM MOVIMENTO. IN: MAC FEIRA. Feira de Santana, 2021 Disponível em: https://macfeira.wordpress.com/2019/10/14/muncab-mac-arte-em-movimento/ . Acesso em: 09.mai.2021	

PREENCHIMENTO:
Responsável pela pesquisa: Gildriele Santos Barbosa
Responsável pelo preenchimento: Gildriele Santos Barbosa
Data: 14.nov.2019
OBSERVAÇÕES:

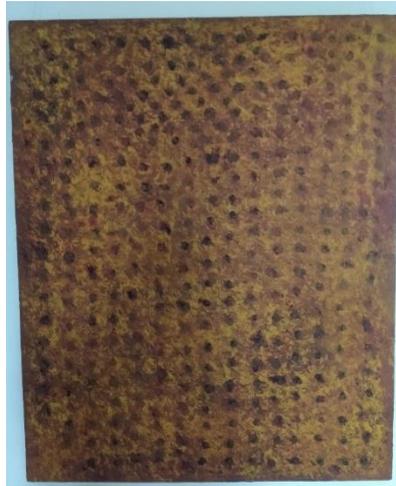


FICHA DE CATALOGAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO DA OBRA:	
1. N° de Registro: MAC.041	
2. N° de Registro Anterior: 06	
3. Título: s/t	
4. Data: 1996	
5. Autor: Caetano Dias	
6. Material/ Técnica: Acrílica s/tela	
7. Origem: Feira de Santana	
8. Procedência: Caetano Dias	
9. Modo de Aquisição:	
<input type="checkbox"/> Compra <input type="checkbox"/> Transferência <input checked="" type="checkbox"/> Doação <input type="checkbox"/> Produção Interna <input type="checkbox"/> Permuta	
10. Data de Entrada: s/r	
11. Marcas/ Inscrições: Lado traseiro parte superior da tela	
12. Dimensões (cm): 100 X 80 cm	
13. Categoria: Artes Visuais	14. Subcategoria: Pintura

15. Fotografia da Obra:

Frente



Crédito: Gildriele Santos

ANÁLISE DA OBRA:

16. Descrição Técnico-Formal:

A composição, em formato quase quadrado, tem uma decoração em seu entorno, composta de losangos nas cores verde, branco e preto. A composição central é figurativa estilizada, em preto e branco, se caracteriza pela angulação das formas. Compõe-se de uma figura com traços masculinos, usando chapéu, camisa de mangas longas, calça e chapéu; seu braço do lado esquerdo da tela está em linha reta indicando para baixo, onde figura uma garrafa com folhas dentro, e o braço do lado direito da tela encontra-se em linha diagonal, tocando uma estrela e um candeeiro. Ao seu lado uma figura de animal, com orelhas em formato triangular, boca aberta denteada e língua terminada em duas pontas; seu corpo está curvo e alongado. Todo o espaço é preenchido por imagens, como gravuras, bandeirolas, candeeiro, pássaro, peixe e corações.

17. Iconografia:

A própria composição remete à gravura, mais particularmente, ao cordel, gênero composto de imagens de xilogravura e textos, vendidos nas feiras do Nordeste. Os elementos compositivos remetem a figuras simbólicas, representações da cultura nordestina e sertaneja, como o chapéu de couro usado pelo homem, as gravuras de cordel com títulos (O Bicho do Tomba e a Peleja de Narciso). As estrelas e o candeeiro representam a noite, enquanto os animais evocam a natureza. Um crânio de animal parece fazer alusão à seca, presente na região.

HISTÓRICO DA OBRA:**CONSERVAÇÃO DA OBRA:**